

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 25/07/2019.

ROGÉRIO DE CARVALHO VÉRAS

O ARQUITETO DAS ORQUÍDEAS:

**trajetória e memória de George William Butler, médico e missionário
protestante no Nordeste da aurora republicana (1883-1919)**

ASSIS

2018

ROGÉRIO DE CARVALHO VÉRAS

**O ARQUITETO DAS ORQUÍDEAS:
trajetória e memória de George William Butler, médico e missionário
protestante no Nordeste da aurora republicana (1883-1919)**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutor em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Wilton Carlos Lima da Silva

Bolsista: CAPES

ASSIS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

V476a Vêras, Rogério de Carvalho
O ARQUITETO DAS ORQUÍDEAS: trajetória e memória de
George William Butler, médico e missionário protestante no Nordeste
da aurora republicana (1883-1919) / Rogério de Carvalho Vêras.
Assis, 2018.
391 p. : il.
Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr Wilton Carlos Lima da Silva
1. Butler, George William Butler, 185?-1919. 2. Igreja e Es-
tado. 3. Pluralismo religioso. 4. Memória. 5. Secularização. 6.
Protestantismo.I. Título.
CDD 981.05



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: O ARQUITETO DAS ORQUÍDEAS: trajetória e memória de George William Butler, médico e missionário protestante no Nordeste da aurora republicana (1883-1919)

AUTOR: ROGÉRIO DE CARVALHO VÉRAS

ORIENTADOR: WILTON CARLOS LIMA DA SILVA

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em HISTÓRIA, área: HISTÓRIA E SOCIEDADE pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. WILTON CARLOS LIMA DA SILVA
Depto. de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. MILTON CARLOS COSTA
Depto. de História / UNESP/ASSIS

Prof.ª Dr.ª LUCIA HELENA OLIVEIRA SILVA
Depto. de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. LYNDON DE ARAÚJO SANTOS
UFMA / São Luis

Prof. Dr. TIAGO HIDEO BARBOSA WATANABE
IFSP / Sorocaba

Assis, 25 de julho de 2018

*A quem gostaria que eu tivesse o seu tamanho...
àquela que eu gostaria que não crescesse tão depressa:*

João Lucas e Lídia Zahir.

AGRADECIMENTOS

São muitos aqueles a quem eu gostaria de agradecer nominalmente, mas isto seria impossível pela quantidade de parceiros e amigos que fiz durante a pesquisa, todos com uma contribuição inestimável para este resultado. Sendo assim, pelo bem da síntese, gostaria de citar as instituições na qual essas pessoas fazem parte e pedir mais uma generosidade: que se sintam contempladas neste reconhecimento e gratidão.

Agradeço primeiramente ao Colegiado do Curso de Ciências Humanas do campus de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, pela licença permitida, imprescindível para que pudesse dedicar-me totalmente à pesquisa. À Igreja Presbiteriana do Brasil representada por seus pastores e historiadores que me permitiram acesso às fontes e entrevistados. Aos funcionários do Arquivo Presbiteriano de São Paulo pela prestatividade e paciência comigo. Agradecimentos estendidos também aos funcionários do Arquivo Vicente Themudo Lessa da Igreja Presbiteriana Independente, em São Paulo. Igualmente aos funcionários do arquivo da Presbyterian Historical Society na Filadélfia-EUA, pela ajuda carinhosa. Aos incansáveis trabalhadores e trabalhadoras do Arquivo Público do Estado do Maranhão, sempre diligentes no atendimento aos pesquisadores. Agradeço também ao ISER e à Associação Basiléia pelo envio de fontes fundamentais para este trabalho, ao LIBER (UFPE) e ao SPN pela acolhida durante a pesquisa e disponibilização dos seus acervos. À Academia de Letras, ao Instituto Histórico-Geográfico e à Diocese de Garanhuns, à Secretaria de Cultura de Canhotinho pela atenção e diligência dos seus membros e funcionários a este pesquisador peregrino.

Porém, alguns nomes, não poderia deixar escapar. À Marcene Bezerra, Evandro Souza, João d'Eça, pesquisadores do protestantismo no Maranhão, além de Rafaelle Custódia, Micheline Reinaux e João Marcos Leitão, pesquisadores do protestantismo em Pernambuco, pelo compartilhamento de fontes e encaminhamento de entrevistas.

Quanto a estas, jamais seria suficiente agradecer: a David Gueiros Vieira (*in memoriam*) e Edijéce Martins Ferreira, pela disponibilidade paciente e preciosa contribuição. Aos amigos que estiveram comigo nesta jornada: o meu orientador Wilton Silva, pela inspiração, direção e seriedade acadêmica; Emanuel Pacheco, parceiro de discussões já de longa data, pela leitura atenta das primeiras versões deste trabalho; à Loyde Anne, minha esposa, amiga e companheira, por compartilhar comigo as agruras e aventuras da pesquisa e da produção do conhecimento, sem você nada seria possível.

Por fim, à CAPES pelo essencial fomento desta pesquisa.

*A vida acaba, mas renasce nos sonhos
de quem vai e nos dos que ficam*
Calderón de la Barca

*Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos
valentes, a vitória, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos
prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor; porém tudo
depende do tempo e do acaso.*
Eclesiastes 9:11.

VÉRAS, Rogério de Carvalho. **O arquiteto das orquídeas**: trajetória e memória de George William Butler, médico e missionário protestante no Nordeste da aurora republicana (1883-1919). 2018. 391 p. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RESUMO

Esta pesquisa trata da trajetória e da memória de George William Butler (1853[?]-1919), médico e missionário protestante que viveu no Nordeste do Brasil em fins do século XIX e início do XX, período de transformações como a crise da influência da Igreja Católica, crise da Monarquia e a implantação do regime republicano. Privilegia-se o biográfico como meio de interpretação da realidade social e histórica, cujo objetivo foi compreender como um indivíduo, agente de uma religião minoritária, vivenciou as transformações macrossociais da secularização da sociedade, percebendo o seu papel neste processo que desembocou na separação Igreja e Estado e na legitimação da pluralidade religiosa, bem como a importância dos protestantes no processo de reconfiguração do espaço público. Por se tratar de uma trajetória permeada por uma memória institucional, empreende-se um estudo sobre a memória deste personagem, procurando compreender suas lógicas, coerções e esquecimentos; os processos de construção, reconstrução, disputas e reprodução da memória de George Butler, com diferentes usos em projetos de intervenção no espaço público por grupos protestantes política e ideologicamente diferentes. Utiliza-se diversos tipos de fontes: os relatórios de George Butler, de sua esposa, Rena Butler, e de seus aliados; os jornais das cidades de São Luís, Recife, Garanhuns e Canhotinho, além de jornais eclesiásticos, atas de reuniões eclesiásticas e as biografias sobre George Butler; imagens e fotografias divulgadas pelos missionários, especialmente as divulgadas pelo casal Butler; fontes da cultura material como o mausoléu edificado em homenagem a George Butler e a arquitetura das igrejas presbiterianas em São Luís, Recife e Canhotinho construídas por ele; fontes orais por meio de entrevistas com os primeiros biógrafos de George Butler, com fiéis das igrejas e moradores das cidades de Garanhuns e Canhotinho. Reconhece-se novas facetas desse personagem (o polemista, o filantropo, o arquiteto), que complexificam as imagens consagradas pela memória oficial, assim como realocam o papel da esposa como um sustentáculo financeiro da sua missão pela exportação de orquídeas. Compreende-se que a vida de George Butler foi reelaborada na escrita dos biógrafos, de forma a adequar-se aos interesses institucionais de reforço e divulgação de valores e práticas vinculadas a ortodoxias doutrinárias conservadoras. Evidencia-se assim um perfil de agente eclesiástico gerado pelo anseio de auto-identificação dos atuais dirigentes institucionais com seus heróis do passado e de oferecer às futuras gerações um exemplo a ser seguido.

Palavras-chave: Butler, George William Butler, 185?-1919. Igreja e Estado. Pluralismo religioso. Memória. Secularização. Protestantismo.

VÉRAS, Rogério de Carvalho. **The architect of the orchids**: trajectory and memory of George William Butler, physician and protestant missionary in the Northeast in the emergence of the republic in Brazil (1883-1919). 2018. 391 p. Thesis (Doctorate in History). – São Paulo State University (UNESP), School of Science, Humanities and Languages, Assis, 2018.

ABSTRACT

This research deals with the trajectory and memory of George William Butler (1853[?]-1919), a physician and protestant missionary who lived in Northeast Brazil in the late nineteenth and early twentieth centuries, a period of transformations such as the crisis of influence of the Catholic Church, crisis of the Monarchy and the implementation of the republican regime. The biographical is taken as a means of interpreting social and historical reality, whose purpose was to understand how an individual, an agent of a minority religion, experienced the macrosocial transformations of the secularization of society, perceiving his role in this process that led to the separation of Church and State and the legitimation of religious plurality, as well as the importance of protestants in the process of reconfiguration of the public space. Since such a trajectory permeated by an institutional memory, a research on the memory of this personage is undertaken by trying to understand its logics, coercion and forgetfulness; the processes of construction, reconstruction, disputes, and reproduction of George Butler's memory, with different uses in projects of intervention in the public space by politically and ideologically different protestant groups. Various sources are used: reports of George Butler, his wife, Rena Butler, and his allies, newspapers of the cities of São Luís, Recife, Garanhuns and Canhotinho, as well as ecclesiastical journals, minutes of ecclesiastical meetings, and biographies about George Butler; images and photographs released by the missionaries, especially those released by Mr. and Mrs. Butler; sources of material culture such as the mausoleum built in honor of George Butler and the architecture of the Presbyterian churches built by him in São Luís, Recife and Canhotinho; oral sources through interviews with the first biographers of George Butler, with believers of the churches as well as residents of the cities of Garanhuns and Canhotinho. New facets of this personage (the polemicist, the philanthropist, the architect) are recognized, which complicates the images consecrated by the official memory, as well as reallocate the role of the wife as a financial support of their mission by exporting orchids. It is understood that George Butler's life was rewritten in the writings of biographers in order to adapt it to the institutional interests of reinforcement and dissemination of values and practices linked to conservative doctrinal orthodoxies. A profile of the ecclesiastical agent is built by the search for self-identification of the current institutional leaders with their heroes of the past, and to offer an example to future generations of ecclesiastical agents.

Keywords: Butler, George William Butler, 185? -1919. Church and State. Religious pluralism. Memory. Secularization. Protestantism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fiéis reunidos no dia da inauguração do novo templo presbiteriano de Canhotinho-PE.....	55
Figura 2: Mausoléu do Dr. Butler.....	57
Figura 3: Púlpito da Igreja de Canhotinho, com a placa em homenagem a Né Vilella.....	62
Figura 4. Túmulo de George Butler, 1928.....	99
Figura 5: Cidades brasileiras onde havia missionários do Comitê de Nashville, em 1904 ...	106
Figura 6: Mapa do “Campo de Pernambuco” em 1895.....	195
Figura 7: Fachada da casa do Dr. Butler.....	197
Figura 8: Capa da revista <i>The Missionary Survey</i>	200
Figura 9: Ciência e Caridade, Pablo Picasso, 1897.....	204
Figura 10: “Vendedor de ervas”, também chamado de “Raizero”, tipo comum nas feiras de Garanhuns.....	219
Figura 11: Caetano Vidal.....	243
Figura 12: Enoch's Hospital; (abaixo) Caetano Vidal e George Butler.....	243
Figura 13: Grande família aristocrática e os Butlers.....	244
Figura 14: Sr. e Sra. Butler e brasileiros “nativos”.....	259
Figura 15: Templo da Igreja Presbiteriana de São Luís-Ma.....	271
Figura 16: “Planta da Cidade de São Luiz” de 1912. No centro da imagem, a Praça da Alegria.....	276
Figura 17: Igreja Presbiteriana do Recife, 1914.....	280
Figura 18: Igreja Anglicana de Saint-Martins.....	283
Figura 19: Planta da Cidade do Recife (1906). Posição do templo (destaque em azul).....	285
Figura 20: Primeira residência dos Butlers, clínica e “igreja” em Canhotinho.....	286
Figura 21: O casal Butler em 1901.....	288
Figura 22: Dna. Rena Butler.....	288
Figura 23: Igreja Presbiteriana de Garanhuns, 1909.....	306
Figura 24: Igreja Presbiteriana de Canhotinho, em 1922.....	309
Figura 25: Hospital de Canhotinho construído pelo Dr. Butler.....	312
Figura 26: Circulação de pessoas à frente do Hospital.....	312
Figura 27: Interior do hospital antes e depois da reforma.....	313
Figura 28: Capa do jornal <i>Norte Evangélico</i> de 25 de junho de 1919.....	327
Figura 29: Cartaz comemorativo dos 118 anos de presbiterianismo no agreste pernambucano.....	331
Figura 30: Capa do livro <i>A Bíblia e o Bisturi</i>	360

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1: Teses e dissertações sobre protestantismo e biografias de protestantes p. 37
- Quadro 2: Gênero, estado civil e escolarização dos membros da Igreja Presbiteriana de Canhotinho (1910-1920)p. 226
- Quadro 3: Local de residência e origem religiosa dos membros da Igreja Presbiteriana de Canhotinho (1910-1920)p. 226
- Quadro 4: Profissões dos membros da Igreja Presbiteriana de Canhotinho (1910-1920) p. 226

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- APEM – Arquivo Público do Estado do Maranhão
- ABU – Aliança Bíblica Universitária
- BPBL – Biblioteca Pública Benedito Leite
- CBE – Congresso Brasileiro de Evangelização
- CEB – Confederação Evangélica Brasileira
- CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação
- CEHILA – Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina
- CIIC – Conselho Internacional de Igrejas Cristãs
- CMI – Conselho Mundial de Igrejas
- FTL – Fraternidade Teológica Latino-Americana
- IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil
- IPI – Igreja Presbiteriana Independente
- IPC – Igreja Presbiteriana de Canhotinho
- ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina
- ISER – Instituto Superior de Estudos da Religião
- LIBER – Laboratório de Tecnologia da Informação
- PCUS – Presbyterian Church in the United States
- PCUSA – Presbyterian Church in the United States of America
- PHS – Presbyterian Historical Society
- SPN – Seminário Presbiteriano do Norte.
- UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. DOIS SEPULTAMENTOS, UM MONUMENTO	55
1.1 DO RITO AOS SÍMBOLOS.....	60
1.2 O UNIVERSO DAS CRENÇAS.....	74
1.3 DO RITO À SOCIEDADE	85
1.4 DO RITO À MEMÓRIA.....	95
2. GEORGE BUTLER, O PROTESTANTISMO E O CATOLICISMO: AS CONTROVÉRSIAS NA PLURALIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO.....	103
2.1. A MISSÃO PRESBITERIANA NO NORDESTE.....	104
2.2. GEORGE E RENA BUTLER.....	108
2.3. DA “REFORMA CATÓLICA” AO “PROTESTANTISMO ENTRE NÓS”	120
2.4. PROTESTANTES <i>VERSUS</i> ULTRAMONTANOS	125
2.4.1. O início dos conflitos.....	125
2.4.2. Amizades e inimizades	129
2.4.3. Controvérsias com ultramontanos.....	134
2.4.4. Secularização no enterro.....	149
2.5. GEORGE BUTLER E OS SIGNIFICADOS DO “15 DE NOVEMBRO”.....	155
2.6. UM ROSÁRIO DE DORES.....	168
2.7. GEORGE BUTLER X FREI CELESTINO: DA CATEDRAL AOS JORNAIS PERNAMBUCANOS	178
3. UM “MÉDICO AMADO” ENTRE CORONÉIS, JAGUNÇOS E EPIDEMIAS	195
3.1. O QUE SIGNIFICAVA SER UM “MEDICAL MISSIONARY”?.....	198
3.2. A LUTA PELA IDENTIDADE	205
3.3. CORONÉIS, JAGUNÇOS E EPIDEMIAS	214
3.3.1. Ser médico no Brasil, entre a ciência e a magia.....	217
3.3.2. Ser médico no Brasil, entre a caridade e o poder.....	230
3.3.3. A Igreja, a escola e o hospital: civilização e clientelismo	249
4. CASTELOS DE ORQUÍDEAS: ARQUITETO OU JARDINEIRO?	263
4.1. O “INGLÊS DOIDO” E O TEMPLO DE SÃO LUÍS.....	265
4.2. “EM PROEMINENTE VISÃO”: O TEMPLO DO RECIFE.....	278
4.3. “THE BODES ARE COMING”: A TRÍPLICE MISSÃO EM CANHOTINHO	285
4.3.1. “Um exército em si mesma”	287
4.3.2. O espaço público e a Igreja Católica em Canhotinho.....	294
4.3.3. A escola.....	298
4.3.4. Os templos.....	305
4.3.5. O Hospital	312
4.4. A MEMÓRIA DAS EDIFICAÇÕES.....	315
5. “MÉDICO E MISSIONÁRIO, PREGADOR CHEIO DE UNÇÃO E DE ABNEGAÇÃO”: NARRATIVAS, NARRADORES E A MEMÓRIA DE GEORGE WILLIAM BUTLER.....	323
5.1. UM MONUMENTO EM TEXTOS E IMAGENS.....	326
5.2. O HERÓI CIVILIZADOR	335
5.2.1 Conjuntura institucional.....	337
5.2.2 Contexto social.....	340
5.2.3 Os sentidos da obra.....	342

5.3. O SERVO IDEAL.....	349
5.3.1 Condições de produção.....	350
5.3.2 O contexto social, conflitos e conciliações teo-ideológicas	353
5.3.3 Os sentidos da obra.....	358
5.4. MEMÓRIA ORTODOXA	361
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	365
FONTES.....	371
REFERÊNCIAS.....	375
ANEXO I – MARCOS CRONOLÓGICOS DA VIDA E MEMÓRIA DE GEORGE WILLIAM BUTLER.....	389

INTRODUÇÃO

O título

“Talvez nunca tenha havido no norte do Brasil homem tão amado e ao mesmo tempo tão odiado como George W. Butler”¹, assim escreveu Calvin Porter sobre o seu companheiro de Missão² no Norte³ do país.

O médico e missionário norte-americano George William Butler (1853[?]-1919)⁴ viveu por 36 no Brasil (1883 a 1919), nos tempos movimentados da transição republicana. Entre idas e vindas à terra natal, estabeleceu-se em dois estados do Nordeste⁵, no Maranhão (1885-1892) e em Pernambuco (1893-1919), onde fixou residência em Canhotinho-PE por 22 anos, em um dos seus morros, o Alto da Parasita. O exotismo do nome ainda hoje se atribui ao comércio de orquídeas feito pela esposa, Dna. Mary Rena Humphrey Butler. Como se sabe, as orquídeas crescem sobre os caules de outras plantas e árvores, e por isso em muitos lugares do interior do Brasil são chamadas de “parasitas”.

¹ *Norte Evangélico*, 25 de junho de 1919.

² Refiro-me a *North Brazil Mission* (Missão ao Norte do Brasil), braço missionário da *Presbyterian Church in the United States* (PCUS), conhecida entre os historiadores do protestantismo brasileiro como a “Igreja do Sul”. Abrangia como sua área de atuação os estados da atual região Nordeste e Norte do Brasil.

³ Era como “Norte” que os primeiros missionários se referiam à região, até porque o zoneamento geográfico que criou a atual Região Nordeste só foi estabelecido em 1969. Antes disso, na linguagem comum a região era o “Norte” do país. O nosso protagonista, George Butler, residiu nos estados do Maranhão, Pernambuco e, por nove meses de estudos, na Bahia; há nas fontes informações de que ele peregrinou como missionário e médico nos estados do Piauí, Paraíba, Alagoas e Bahia, estados que compõem o atual Nordeste.

⁴ As fontes quanto ao ano de nascimento de George Butler: Dna. Rena Butler em uma de suas cartas biográficas sobre o marido já falecido, informa que ele nasceu em 12 de julho de 1854. Por sua vez, o próprio George Butler em diferentes ocasiões informou datas distintas para ao seu nascimento. Em um pedido de passaporte feito em 23 de dezembro de 1918, ele informa que seu nascimento se deu “on or about the 12 day of July, 1855”, dado que está manuscrito num formulário assinado por Butler. Anos antes, em um documento de 25 de maio de 1910 do consulado dos Estado Unidos em Pernambuco, ele pôs no formulário “July 12, 1853” como a data de seu nascimento. Essas dissonâncias se repetem em seus biógrafos anteriores. David Gueiros Vieira (1960, p. 36) e Meyves Rodrigues et. al. (2015, p. 34) datam no ano de 1854; já Edijéce Martins (2007, p.18), afirma o ano de 1853 como o de seu nascimento. O que é comum a todas as fontes é apenas o dia do nascimento, 12 de julho.

⁵ Preferi utilizar este termo, desde o título e na sequência deste trabalho, a fim de facilitar ao leitor contemporâneo a compreensão do recorte geográfico de atuação do nosso personagem. Isto não significa que esta pesquisa compartilha das representações de homogeneidade cultural e/ou ambiental que sobrecarregam a palavra “Nordeste”. Como nos ensina Albuquerque Junior (2011), o termo designa mais que um território ou região, é, sobretudo, uma construção imagético-discursiva produzida pela literatura, pela ciência social, pelas artes plásticas, cinema etc, na primeira metade do século XX para se constituir enquanto espaço da negação, o Outro do sul que se industrializava e modernizava, enquanto o Nordeste estancava no saudosismo e na tradição para atender aos interesses simbólicos de uma oligarquia rural decadente. Reconheço, entretanto, que ao optar por subsumir contextos e espaços tão distintos que vão do Maranhão à Bahia sob o mesmo designativo corre-se o risco de reproduzir tais representações homogeneizadoras. Para evitá-las procurei destacar, por meio das descrições e análises dos contextos e sociedades ao longo do texto, as singularidades e distinções de cada estado, com suas capitais e seus interiores.

Talvez seja uma dessas ironias da história que o protestantismo trazido pela família Butler⁶ ao interior pernambucano tenha florescido em meio e em grande parte por causa das parasitas. Não é difícil imaginar o que significou a presença daqueles gringos – com sua nova religião, seus cânticos, suas vestes, seus comportamentos e sua fala engrolada –, para uma população sertaneja formada sob séculos de um catolicismo pouco oficial. Exotismo, atração, curiosidade? Dentre as respostas possíveis, não poderia reagir como um organismo percebendo-se invadido por um corpo estranho?⁷ Os codinomes de “nova-seita”, “frei-bodes” e “bodes” dado aos protestantes, identificando-os mesmo com algo demoníaco, registraram essa rejeição e auto-defesa das populações do interior nordestino à nova religião.

Apesar da hostilidade que uma sociedade (ou boa parte dela) pode dispensar a quem considera parasita, foi ali distante da capital, onde o sertão abarcava tudo a que o olhar civilizado se opunha, que o casal Butler ergueu uma fortaleza protestante de ferro e concreto: edificou uma igreja⁸, uma escola e um hospital. George Butler os chamou de Fé, Esperança e Caridade⁹, nomes que sugerem que os três edifícios, mais do que concreto, eram símbolos do tipo de influência e serviço que a nova religião acreditava ser capaz de difundir, mesmo nos lugares considerados mais “bárbaros”¹⁰, como também, apontam para a forma como o nosso biografado procurou adaptar-se às condições de vida daquele contexto.

⁶ George e Rena Butler tiveram sete filhos nascidos durante a carreira missionária: George (1884), Grace (1888), Humphrey (1890), Janette (1892), Rena (1896), Hilda (1902), Helena (1903)

⁷ O protestantismo como um cisto, um corpo estranho, é uma interpretação já tradicional na historiografia do protestantismo na América Latina e Brasil, na qual por exemplo, tem-se a afirmação de Mendonça e Velasquez: “De certo modo o protestantismo histórico brasileiro de origem missionária tende a reproduzir, no interior de suas comunidades, os traços da religião civil norte-americana, o que contribui para aprofundar o vazio existente entre ele e a sociedade [...], que o recebe como elemento estranho e, por esse fato, o aprisiona em bolsões isolados e estanques, como faz qualquer organismo ao se defender de intrusos” (2002, p. 14). Creio que o acompanhamento da vida de George Butler pode contribuir no questionamento dessa interpretação ainda predominante.

⁸ No protestantismo, “Igreja” é a assembleia dos crentes batizados e professos juntamente com seus dependentes menores e que não estão sob exclusão da comunhão por alguma falta com a doutrina ou com o padrão de comportamento requerido aos fiéis. Ao longo deste texto, exceto quando não transcrita da fonte original, utilizo “Igreja”, com “I” maiúsculo, para referir-me à instituição ou à congregação dos fiéis e “igreja”, com “i” minúsculo, para designar o espaço físico de reunião.

⁹ A informação está em um esboço biográfico escrito por W. G. Neville, intitulado “Geo. Wm. Butler”. Pasta Dr. George Butler, correspondence, notes, and other material related to A Biblia e o Bisturi. RG 496-15-4. Acervo Presbyterian Historical Society (PHS).

¹⁰ É uma das expressões utilizadas pelos primeiros missionários do interior pernambucano para designar a excessiva violência da população e a fragilidade do controle por parte das autoridades policiais que haviam naquela região. Um exemplo está numa carta de George Butler explicando sobre os motivos da sua ida para Garanhuns: “a year ago a member of Recife church begged me to visit this place, and his stories of the rusticity and semi-barbarity of Garanhuns led me and Mrs. Butler to come.” [um ano atrás um membro da igreja de Recife pediu-me para visitar este lugar, e suas histórias de rusticidade e semi-barbaridade de Garanhuns levaram-me e a senhora Butler a virmos]. *The Missionary*, novembro de 1895, p. 515.

Observação: Todas as traduções deste trabalho são de minha responsabilidade. As citações extraídas de fontes primárias e periódicos em língua inglesa foram disponibilizadas nas notas de rodapé. Como foram muitas, utilizei

Dessa história, resta-nos um legado de “pedra e cal”¹¹ consagrado à memória do médico e missionário, mas cuja existência deve-se em grande parte à efemeridade das flores e ao esforço silencioso, quase invisível, de Dna. Rena Butler no cultivo e venda de orquídeas. Sem o registro popular de nomear o local das edificações protestantes¹² como Alto da Parasita, talvez não teríamos percepção da importância das orquídeas de Dna. Rena no sustento do conjunto arquitetônico e dos empreendimentos missionários do marido.

Dessa forma, a escolha do título objetivou destacar, desde o início, a importância de Dna. Rena Butler nesta missão no interior pernambucano. Como tantas outras que foram escondidas (quase esquecidas) por trás dos monumentos erguidos (em letras ou em mármore) aos seus maridos, pioneiros do protestantismo no Brasil, Dna. Rena foi mais que um simples apêndice da missão do esposo. Por essa razão, uma das tarefas dos atuais historiadores é repensar a importância dessas mulheres e de outras missionárias¹³ no processo de implantação e expansão destas Igrejas no Brasil. Observar atentamente o casal Butler pode contribuir na releitura do lugar das mulheres na história do protestantismo brasileiro.

Outra indicação do título diz respeito ao objetivo da pesquisa de relacionar a memória e a trajetória de George Butler. Chamo atenção para o fato de que Butler, por onde passou, deixou construções – edificou quatro templos, um hospital e uma escola –, o que indica uma preocupação em solidificar a presença protestante no espaço público e, embora não explicitamente, perenizar a valorização de sua obra e memória.

Decorre daí a proposta de compreender o papel desempenhado por um agente protestante no processo de redefinição do espaço público na transição republicana. Isto significa estudar uma vida implicada em uma missão religiosa, num período de profundas mudanças políticas, culturais e sociais na vida brasileira. Mas também estudar uma vida que ultrapassou sua existência física, estendendo-se enquanto memória que sofreu diferentes processos de

a tradução em português no decorrer do texto a fim de dar maior fluência à leitura, mas se observar o texto original nas notas, o leitor pode avaliar em que medida tal tradução não se constituiu uma traição, como é sabido.

¹¹ Expressão típica entre os estudiosos do patrimônio para se referir ao patrimônio arquitetônico material.

¹² Prefiro utilizar o termo “protestante” para designar o grupo ou a religião entre os séculos XIX-XX, do que evangélico (termo que passa a ser mais usado a partir de meados do século XX) ou reformados (também comum nos trabalhos sobre o protestantismo). Neste último caso, concordo com Tabuco (2016, p. 54) de que “a expressão é reivindicada pelas igrejas calvinistas na Europa e, no Brasil, particularmente pelos presbiterianos”. Para estes, atualmente, o termo “reformado” ou “fê reformada” passou a ser utilizado como signo de distinção identitária em relação a outros grupos evangélicos no Brasil.

¹³ Há na historiografia protestante, como bem observou Loyde Veras (2017, p. 108): “uma diferenciação entre a categoria ‘missionária’, atribuída a mulheres solteiras que desenvolveram seu trabalho independente da figura masculina – de um marido –, e a categoria ‘esposa de missionário’ que, independente de suas funções fora do lar e apesar de também serem consideradas ‘missionárias’, têm suas biografias construídas a partir da figura de seus maridos, sobre as representações de esposa, auxiliar do marido, dona de casa, mãe, cuidadora, educadora, sobre os referenciais de uma mulher burguesa do século XIX.”

(re)elaboração ao longo do século XX, com usos vinculados a diferentes grupos, ideais e projetos protestantes de ação no espaço público.

A George Butler reserva-se um lugar de destaque na memória dos protestantes brasileiros, especialmente no Nordeste do país, tendo sua obra religiosa e assistencial sido objeto de ressignificações. Todavia, o nosso personagem não é o único a ultrapassar, em sua época, os limites de uma ação estritamente religiosa, agregando a ela outras iniciativas de serviço social protestante. Com efeito, o serviço social, principalmente por meio da construção de escolas e hospitais, foi parte de uma estratégia mais ampla das missões e que se intensificou após a separação entre a Igreja Católica e o Estado na República. Com a ampliação e consolidação de suas ações e instituições, os protestantes buscavam não só garantir fundamentos sólidos à sua presença na sociedade brasileira como também conquistar, perante os agentes políticos, seu reconhecimento como religião e não como seita.

Esse embate pelas classificações expõe que no final do Império e início da República esteve em aberto uma disputa pela reconfiguração do espaço público e pela redefinição do lugar das instituições religiosas na nova ordem republicana. Como lembra Paula Montero (2012, p. 176), “a esfera pública não pode ser pensada, portanto, como um espaço vazio... ela deve ser tratada como um *fluxo de interações discursivas* que carregam as incertezas, as aspirações, os medos e as esperanças de falantes e ouvintes”. Deste modo, entendo a noção de espaço público como também se constituindo por meio do debate aberto entre agentes religiosos (representantes de uma instituição) e não religiosos.

Nesse ponto, a noção de *controvérsia*, ainda segundo Paula Montero, torna-se um recurso heurístico para superar os limites existentes na noção de campo da obra de Pierre Bourdieu: “O conceito de *controvérsia* nos permite observar as manipulações de diversas formas discursivas por diferentes agentes sem necessidade de supor que eles estão todos disputando no interior de um mesmo campo e manejam visões de mundo de um só campo”. (MONTERO, 2012, p. 178). Por conseguinte, para entender os conflitos e debates sobre a reconfiguração do espaço público, não basta considerar apenas a disputa entre agentes das instituições religiosas pelo monopólio da salvação, é necessário inserir agentes de outros campos de poder. Dessa forma, a noção de espaço público como alvo e campo das batalhas dos discursos sobre religião permite ampliar a percepção das relações que ela mantém com outros campos de poder, e observar como os agentes religiosos servem-se dos meios e linguagens do campo político, midiático, filantrópico etc.

Tais considerações, com efeito, impõe-nos a tarefa de conhecer, em linhas gerais, os desenvolvimentos do espaço público entre o final do século XIX e o início do XX.

A introdução do protestantismo missionário no Brasil, na segunda metade do século XIX, foi coetânea a mudanças significativas na geopolítica global: o surgimento de novas potências na Europa que passaram a desempenhar um papel imperialista rival aos ingleses. Nas Américas, ocorreu a ascensão dos Estados Unidos “considerados como um modelo de país jovem e empreendedor” (NEVES, 2003, p. 20). Entre 1867-1915, os Estados Unidos entram na corrida imperialista com a instalação de bases militares ou ocupação de diferentes áreas no continente americano e no Pacífico. “O mapa político do mundo passa a ser outro, e o Brasil nele continua inscrito como país dependente e periférico, mas não mais exclusivamente na área de influência inglesa” (NEVES, 2003, p. 20).

Para parte dos grupos liberais, o protestantismo era uma religião esclarecida e moderna, representativa das forças capitalistas centrais, especialmente da Inglaterra e do emergente Estados Unidos, em antagonismo direto com o catolicismo. Muitos destes liberais viam o catolicismo no Brasil como responsável pela perpetuação do obscurantismo intelectual e o atraso das formas políticas, jurídicas e econômicas do país¹⁴. Estes liberais acolheram com entusiasmo os missionários protestantes e, se não receberam a fé protestante por convicção, o fizeram por “conveniência e interesse de representar parte da modernidade da época” (SANTOS, 2010, p. 108)

As últimas décadas do oitocentos marcam a crise da estrutura política e econômica do Império assentada na mão de obra-escrava, na concentração da propriedade da terra, na economia voltada para a agro-exportação e no regime do padroado. Desde a década de 1870, acentuaram-se os conflitos da monarquia com o clero católico pelos limites do poder do Imperador nas questões de fé da Igreja Católica, cujo exemplo máximo foi a conhecida Questão Religiosa (1873). Por outro lado, a abolição da escravidão (1888) lançou os grandes oligarcas escravocratas, a principal força social de sustentação da monarquia, à aproximação com os republicanos, ao mesmo tempo em que uma nova classe de proprietários, de mentalidade mais empreendedora e capitalista, ascendia nas novas zonas cafeeiras do oeste paulista servindo-se da mão de obra livre imigrante.

Ao lado das mudanças nas relações de poder dos grupos sociais, ocorria uma avalanche de novos ideais (além de novas religiões como o espiritismo e o protestantismo): liberais, positivistas, anticlericais, republicanos etc., possibilitaram um contexto crítico à ordem política. Vários intelectuais, juristas, políticos e maçons alinharam-se a diferentes grupos político-

¹⁴ O principal desses ideólogos foi o parlamentar Aureliano Candido de Tavares Bastos. Ver Pereira (2012) e Vieira (1996, p. 95-112).

ideológicos, cujo ponto em comum era o ataque à Monarquia e à Igreja Católica. O lançamento do Manifesto Republicano em 1870 intensificou a propaganda republicana. Por fim, a abolição da escravidão e a instabilidade da base parlamentar da monarquia, levaram estes grupos críticos (liberais, republicanos etc.) a aliarem-se aos grandes proprietários ex-escravocratas e militares positivistas na execução do golpe militar de 15 de novembro de 1889, que ficou conhecido como a Proclamação da República.

O advento da República foi de fundamental importância para que os protestantes se organizassem e constituíssem sentidos para o culto em meio a uma cultura adversa. O estado laico e a separação entre Igreja e Estado proporcionaram novo impulso para as correntes ideológicas e políticas, as crenças e as posturas sociais outrora contidas pela monarquia e pela Igreja Católica [...]. Os protestantes aproveitaram os espaços deixados pelo fim do culto oficial acentuando as ações evangelizadoras da população, ampliando suas instituições como escolas, seminários, hospitais, sociedades bíblicas, editoras e publicações. Os estratos mais baixos e médios acolheram a fé protestante na sua ênfase na salvação, na Bíblia como escritura sagrada e na simplicidade do ritual do culto. As conversões aconteciam pela via de uma mensagem que propunha a mudança da moral e dos costumes e a apropriação de um outro modo de experimentar o sagrado, diferenciado das práticas católicas, africanas e indígenas. (SANTOS, 2010, p. 109)

Nesse espaço público da aurora republicana¹⁵, a maioria das igrejas protestantes já havia se estabelecido, criando instituições de ensino, imprensa própria, hospitais, entidades não eclesiais, possuía membros ou simpatizantes bem posicionados no campo político e intelectual. Nesse mesmo período, a Igreja Católica adaptava-se aos novos limites políticos impostos pela República e logo retomava sua força no processo de reconquista do espaço público por meio do seu alargamento institucional. Entre 1889 e 1930 houve um expressivo aumento do número de arquidioceses, dioceses e do clero com o incentivo ao estabelecimento de religiosos e religiosas estrangeiras (HERMAN, 2003, p. 125).

Não por acaso, todas as conquistas protestantes após a República sempre tiveram no horizonte as ameaças de recatolização do Estado – e de certa forma, os avanços protestantes eram um esforço de responder às investidas católicas sobre o Estado – surgidas desde a primeira década pós-proclamação e cujo auge se deu no período getulista dos anos 1930 e na Constituição de 1932¹⁶. Deste modo, para os agentes protestantes, a consolidação das suas instituições e do seu papel na sociedade era ainda uma tarefa inacabada e a despender muito

¹⁵ Na mitologia greco-romana, Aurora era a deusa que voava pelos céus anunciando o novo amanhecer. A figura mítica é sugestiva para os propósitos deste trabalho de discorrer não só sobre os anos iniciais da República no Brasil, mas também sobre o período anterior, da crise final do Império na década de 1880, onde já se anunciava os primeiros sinais de uma nova época, bem como o papel do protestantismo na construção desse novo período.

¹⁶ Sobre o tema ver Reily (2003, p. 228-231).

esforço político e ideológico. Portanto, a questão de como o Estado (democrático e republicano) e a Igreja (ou religiões, além da Católica Romana) se articulariam após séculos de aliança revolvia-se num campo de incertezas e disputas simbólico-políticas-legislativas.¹⁷

Em paralelo, o nascente Estado Republicano enfrentava a primeira década com uma série de instabilidades e contestações: as reações de monarquistas; os conflitos entre liberais e positivistas pela formatação do novo regime; a crise do encilhamento com a desvalorização da moeda; a indisciplina e animosidade entre as corporações armadas (Exército, Marinha e Polícia); e o surgimento de movimentos religiosos populares, conhecidos como messiânicos, que “acusavam o governo de tirania e ditadura” (FLORES, 2003, p. 65 e 66).

Assim, os anos iniciais da República foram palco de incertezas e possibilidades tanto no campo político quanto religioso. Neste último, em razão da disputa em aberto sobre a legitimidade de outras religiões perante o Estado, o que significava obter reconhecimento social e legal como igreja recusando os epítetos de seita ou charlatanismo (nisso, espíritas e protestantes partilharam do mesmo objetivo).

Para o olhar da Igreja Católica, o agravante no caso do protestantismo, além de ser o principal concorrente religioso, é que seus agentes jamais esconderam que legitimidade estatal e reconhecimento social conjugavam-se ao propósito de influir nos destinos da sociedade e do Estado, ainda que por meio de uma teodiceia secularizada; isto é, a ideia de progresso que à época era frequentemente, no discurso de alguns de seus defensores, vinculada ao *espírito protestante*.

Nesse contexto de redefinições e incertezas, temos George Butler agindo localmente na reconfiguração do espaço público e em condições de aglutinar aliados para a tarefa do reconhecimento político, especialmente em rincões onde ideais modernos de tolerância ainda não haviam se firmado e as lutas simbólicas acarretavam riscos de vida. Nesse sentido, a sua dupla inserção social, como médico e como missionário protestante, foi sua força por atrair aliados, mas também sua fraqueza.

Se por um lado, o que ele realizou e construiu visava solidificar o protestantismo e perpetuar a memória de suas obras, por outro, essas obras tinham na sua base, tal qual a vida humana, a transitoriedade das orquídeas. É sabido que as orquídeas são flores muito valorizadas, cuja principal característica está na diversidade de cores e formas. Assim, embora

¹⁷ Alguns autores brasileiros, na esteira de críticos-revisores da noção de secularização/secularismo como Talal Assad (2003), têm retomado em novas bases o problema da secularização na sociedade brasileira e repensado a especificidade do arranjo do nosso espaço público republicano como rearticulação, e não exclusão da religião, no interior de um espaço público secularizado. Duas referências principais da sociologia brasileira nesse tipo de análise é Paula Montero (2009, 2012) e Emerson Giumbelli (2002, 2003, 2008).

requeiram cuidados que poucos são capazes de dar, sua beleza e diversidade acabam por atrair amantes e consumidores de flores. Porém, caso estes sejam pouco afeitos a tais cuidados, como geralmente ocorre, é bem provável, rapidamente após seu auge, levar uma orquídea à morte ou à inexpressividade de suas flores. Mas também é conhecida sua resiliência, quando aparentemente mortas, elas são capazes de renascer sob novas condições.

A singularidade de George Butler como médico humanitário, benfeitor dos pobres e doentes, fez-se sua beleza e fragilidade. A beleza de possibilitar uma expressão da fé e práticas protestantes próprias, uma variante em cores e formas (e não um mero trans-plante) ajustada ao solo da vivência daqueles fiéis que acolherem a nova fé. Mas, igualmente, sua fragilidade por mirá-lo, talvez mais do que aos outros companheiros de missão, com a hostilidade de diferentes inimigos, dentre os quais, principalmente, o clero católico.

Como dito acima, desde os primeiros anos da República, a Igreja Católica atuava para retomar sua influência na sociedade e perante o Estado. A aplicação desses objetivos no sertão pernambucano teve efeitos dramáticos para o médico-missionário e seus seguidores, o que explica aquela síntese da vida do nosso personagem, colocada no início desta introdução – de “homem tão amado e ao mesmo tempo tão odiado”, como o descreveu Calvin Porter.

O nosso protagonista era um estrangeiro vivendo no limite entre o amor e o ódio, a hospitalidade e a hostilidade, uma singularidade que se vinculou tão intrinsecamente ao sucesso da obra que nenhum outro conseguiu prosseguir-la. Como um “arquiteto de orquídeas”, ergueu imponentes edifícios que escondiam a fragilidade e a brevidade desse empreendimento missionário nos sertões, reveladas somente após o desaparecimento do seu construtor e o declínio dessa fortaleza protestante no Alto da Parasita. Restaram, por décadas, algumas flores, muitas ruínas e poucas memórias.

O objeto de pesquisa

George William Butler era um jovem médico recém-formado, com cerca de 30 anos de idade, quando se voluntariou às missões estrangeiras. Ele se apresentou ao *Executive Committee of Foreign Mission*, órgão missionário da sua Igreja, a *Presbyterian Church in the United States* (PCUS), sediado em Nashville, estado do Tennessee-EUA. Foi esta junta missionária¹⁸, conhecida no Brasil como o Comitê de Nashville, que enviou o jovem médico para Pernambuco

¹⁸ Conforme definição de Ester Fraga Nascimento (2007, p. 60): “As missões eram organizações administrativas, muitas delas denominadas de Juntas, pertencentes a um conjunto de comunidades religiosas, sendo constituídas em sociedades, com o objetivo de manter a propaganda evangélica no país e no estrangeiro, ou em comissões oficiais criadas pela autoridade eclesiástica das comunidades para a divulgação da fé.”

em 1883, apostando que “sua dupla capacidade de professor e médico”¹⁹ seria uma importante aquisição para aquela missão iniciada ali dez anos antes²⁰.

Em primeiro plano, esta pesquisa trata da trajetória deste médico e missionário, servindo-se do biográfico para propor uma interpretação da realidade social e histórica. Dessa forma, ao estudar essa biografia meu objetivo foi compreender como um indivíduo²¹, agente de uma religião minoritária, vivenciou (agiu, reagiu e omitiu-se perante) as transformações macrossociais da secularização da sociedade, desembocando na separação Igreja e Estado e na legitimação da pluralidade religiosa brasileira. A pluralização religiosa do espaço público com seus reveses e contradições mostrou-se, ao longo da pesquisa, o fio condutor da trajetória de George Butler, ligando as estratégias micro de suas ações/representações ao processo macrossocial em curso.

Em outras palavras, almejo entender como um agente religioso, em suas estratégias, recuos e lutas cotidianas contribuiu para a formação do pluralismo religioso numa região, já à época, às margens do centro do país. Numa perspectiva mais ampla, essa pesquisa contribui para a compreensão da importância do conflito religioso (na qual os protestantes têm papel fundamental, como principal concorrente da Igreja Católica) na redefinição da legitimidade religiosa no espaço público, durante o período de sua construção jurídico-política na transição republicana.

¹⁹ “He goes out in the two-fold capacity of teacher and physician”. [ele vai em sua dupla capacidade de professor e médico]. *The Missionary*, março de 1883, “monthly review”. Antes do Dr. Butler, o Comitê de Nashville já enviara 22 missionários presbiterianos para o Brasil, 14 para o Sul e 8 para o Norte (MARTINS, 2007, p.23). George Butler tornou-se, portanto, o nono missionário e o primeiro médico a ser enviado para ajudar na estação de Pernambuco, sendo que um dos missionários, tendo passado apenas dois meses no Brasil, morreu repentinamente em 1880.

²⁰ Não era uma novidade a união da atividade proselitista com a assistência de serviços médicos nas empresas missionárias protestantes ao redor do mundo no século XIX e XX. No Brasil, um dos primeiros missionários protestantes foi o médico escocês Robert Reid Kalley, missionário independente, que esteve no Brasil entre 1855-1876 e fundou, junto com sua esposa Sarah Poulton Kalley, a Igreja Evangélica Fluminense (1858). O casal Kalley influenciou muito a tradição litúrgica do protestantismo brasileiro, principalmente pelas composições musicais nos *Salmos e Hinos*, mas também pela conquista da abertura jurídico-política para pregar sua religião a brasileiros. Há semelhanças na trajetória de Robert Kalley e George Butler. Assim como Butler fará no interior pernambucano, Kalley, em sua estadia na Ilha da Madeira, território português, fez uso da medicina como estratégia para evangelizar, especialmente os pobres, sendo um dos principais motivos que lhe rendeu a perseguição do clero e de autoridades locais. No Brasil, Kalley passou a fazer o mesmo uso da medicina, gerando o crescimento numérico de seus seguidores. Tendo as autoridades imperiais o proibido de exercer atividade médica, foi preciso, então, requerer a revalidação do seu diploma na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo uma tese em 29 de agosto de 1859 (SANTOS e LIMA, 2012). Quase quarenta anos depois, em 1896, George Butler veio a sofrer de pressões similares quanto a atividade médica e teve também que defender uma tese para revalidar seu diploma no Brasil (ver capítulo 3).

²¹ Por indivíduo compreendo não um ente uno, abstrato, estável ao longo do tempo, mas um sujeito em constante formação e transformação de sua subjetividade e identidade resultante das interações sociais e experiências mutantes ao longo da vida. Apesar desse caráter fragmentário e instável, referir-se à categoria indivíduo sugere o constante esforço subjetivo de formular, para si e para outros, uma síntese da própria identidade. Ver Bourdieu (1996, a) e Pena (2004).

Neste percurso historiográfico, entendi ser imperativo a análise da memória de George Butler, tanto por percebê-lo numa construção memorialística de si, nos espaços de conflitos da esfera público, quanto pelas (re)apropriações dessa memória na esfera institucional da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). George Butler foi monumentalizado em “lugares de memória” como o seu Mausoléu, em livros biográficos e mesmo por meio da patrimonialização dos edifícios que construiu na cidade de Canhotinho, especialmente o templo da Igreja Presbiteriana e o hospital, este recentemente reformado e restaurado com investimento financeiro e simbólico da direção nacional da IPB.

Sobre Butler superpôs-se ao longo do tempo camadas de memórias consolidadas, uma memória coletiva²² na qual era preciso analisar em suas lógicas, coerções e esquecimentos para compreender seus processos de construção, reconstrução, disputas e reprodução. Por esses processos, a memória de sua vida pôde servir a diferentes usos e projetos de ação, constituindo uma espécie de vida póstuma²³ do biografado.

Inspirado na reflexão sobre os “lugares de memória” de Pierre Nora (1993) e contrapondo-a à compreensão de Michael Pollak (1989) sobre os conflitos entre grupos sociais pela expressão pública de sua memória²⁴, entendo que a constituição de tais esteios da memória não são expressões espontâneas e neutras, mas imposições, produtos de lutas simbólicas pela memória social, na qual projetos de sociedade e de poder se afirmam em detrimento de outros que são ocultados, silenciados, mas permanecem latentes.

No caso do nosso personagem, a construção de sua memória entre os protestantes brasileiros, especialmente no Nordeste do país, deu-se em meio às disputas quanto ao significado da presença missionária estrangeira, leia-se norte-americana, e sua (ir)relevância para a transformação da realidade de pobreza e opressão social nesta região do país. Debate que durante as décadas de 1950 a 1970 (anos de intensificação das tensões sociais e da ditadura militar), deixou cada vez mais evidente, no interior do protestantismo, a oposição entre defensores e críticos dessa presença e heranças missionárias.

²² A memória coletiva é produto da socialização que temos em grupos sociais determinados e diversificados ao longo de nossa existência, em combinação com uma vivência individual singular. “Diríamos voluntariamente que que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51). Em suma, a memória (coletiva e individual) é constantemente reelaborada conforme as relações e necessidades presentes dos indivíduos e grupos sociais.

²³ A expressão é de autoria de François Dosse (2009, p. 346).

²⁴ “Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa.” (POLLAK, 1989, p. 4.)

Quanto ao tema da secularização, foram as características e inserções sociais da vida de George Butler, vivendo os avanços, resistências e refluxos de uma época de transições que me motivaram a propor essa questão como o problema histórico a ser investigado. O processo de secularização é um conceito espinhoso e escorregadio na teoria social²⁵, além de bastante contestado quanto a sua validade para a experiência histórica brasileira. Mesmo ciente das dificuldades, imprecisões e críticas ao conceito, resolvi seguir a sugestão de Pierucci (1998) e delimitá-lo onde ele pode ser mais útil, ou seja, no âmbito da transformação no fundamento da legitimidade do direito (do fundamento religioso-metafísico para o processo legislativo-representativo) e, por conseguinte, da ordem jurídico-política nos estados ocidentais a partir do século XIX.

Nesse sentido, processo de secularização e pluralismo religioso²⁶ não são conceitos antagônicos e sim complementares²⁷. Apenas em um Estado cuja normatividade jurídica não está subjugada a pressupostos religiosos e em uma sociedade onde nenhuma religião legitima o poder político é que o pluralismo religioso pode ser aspirado; no qual diferentes religiões podem livremente concorrer e desenvolverem-se no espaço público, sem temer serem coagidas ou cerceadas por uma outra mais poderosa cujo braço estatal está a seu serviço.

Ao ler a historiografia ou estudos sociológicos sobre o processo de secularização no Brasil, pude notar que predomina, de um lado, uma interpretação que atribui a separação Igreja-

²⁵ Segundo Anselmo Borges: “Há muitos sentidos de secularização. Situando-nos sobretudo no domínio das Ciências Sociais, é possível apresentar cinco significados fundamentais: eclipse do sagrado, autonomia do profano, privatização da religião, retrocesso das crenças e práticas religiosas, mundanização das próprias Igrejas. Em todos estes, percebe-se não a negação do sagrado, mas o afastamento de seus valores nas maneiras de interpretar e regular a vida cotidiana. [...] a separação entre Estado e Igreja, desdobramento decisivo para a secularização, não implica a proibição do reconhecimento do papel público das religiões nem impede as várias formas de colaboração entre Estados e Igrejas” (apud BREPOHL, 2016, p. 130). Para evitar confusões, alguns autores preferem estabelecer uma distinção entre secularização e laicidade como duas experiências distintas embora historicamente interligadas: “O processo de secularização se refere à cultura e o de laicidade, ao Estado” (CUNHA, 2017, p. 13). Distinção que pode ser operacional para compreendermos como Estado e sociedade podem ter diferentes tipos de arranjo com as religiões: “Embora produto do processo de secularização, a laicidade se autonomiza dele, de modo que há países onde prevalece uma cultura altamente secularizada, mas seus Estados reconhecem, oficialmente, algumas religiões e até mesmo privilegiam uma delas[...]. Por outro lado, há países onde a cultura é impregnada de religião, onde o pertencimento a uma instituição religiosa faz parte da identidade social dos indivíduos, mas os Estados são laicos, não tem relações políticas, financeiras ou de outro tipo com as instituições religiosas. [...] [e há] exemplos de sociedades onde a secularização da cultura é baixa, está impregnada de religião, e seus Estados tampouco são laicos, pois favorecem uma dada instituição religiosa, que os legitima, em detrimento das rivais” (CUNHA, 2017, p. 18)

²⁶ Um dos equívocos mais comuns ao usar o termo “pluralismo”, é tomá-lo pela ideia de pluralidade, ou diversidade. Não basta existir diferenças (pluralidade) é preciso a expressão legítima dessas diferenças no mesmo espaço-tempo e a descoberta de que os diferentes têm suas razões (pluralismo). (SANCHEZ, 2005)

²⁷ Há íntima relação entre secularização e pluralismo religioso, este não apenas é resultado, mas também fator da secularização já que a possibilidade de diversos consumos religiosos, de tantas quebras de lealdade (trânsito) é a melhor maneira de negação de verdades absolutas e de desenraizamento dos indivíduos de sua tradição religiosa. (PIERUCCI, 1997, p. 259)

Estado aos agentes políticos liberais-positivistas-anticlericais, por vezes, minimizando uma árdua negociação e gradual acomodação entre estes e seus oponentes (principalmente ultramontanos e outros intelectuais católicos); de outro, uma interpretação teleológica, numa espécie de evolução natural da legislação liberal que levaria ao fim do monopólio católico sobre o estado²⁸.

Alguns historiadores do protestantismo têm afirmado a importância da inserção protestante no Brasil para o processo de laicização do estado por meio da gradual ampliação dos direitos civis e políticos dos *acatólicos*²⁹ (liberdade religiosa, secularização dos cemitérios, direito de exercer cargos eletivos, casamento civil etc.), desde o início do Império³⁰. Todavia as décadas finais do Império e iniciais da República ainda carecem de estudos que compreendam essas transformações macrossociais na perspectiva dos sujeitos que vivenciaram esse período crítico de incertezas, especialmente dos agentes religiosos que se envolveram em confrontos e intensos debates sobre o futuro da relação entre o Estado e a Religião.

Não podemos esquecer também que secularização é um conceito de longa tradição no mundo ocidental, de modo que seus usos sociais são mais complexos e contraditórios do que uma categoria de análise científica. Perceber isso é ainda mais urgente ao estudar a época de George Butler no Brasil. Em fins do século XIX e início do XX, “secularização/secularismo” são palavras usadas pelos diferentes agentes sociais nas suas lutas ideológicas, logo, são investidas de valores, ligadas a projetos de sociedade e de poder político. Portanto, perceber de onde partem os discursos é uma pré-condição para desconstruir uma pretensa neutralidade nos seus usos, em meio às polêmicas, sobre o futuro da relação Igreja e Estado. Manter essa postura crítica é precaução necessária e útil para análise dos debates entre diferentes agentes, religiosos ou não, a fim de não tomar os conceitos como instrumento de conhecimento do mundo, quando na verdade seus usos objetivam a sua transformação.

Tomada essa precaução, parti da hipótese de que as características da secularização efetivadas no Brasil podem ser melhor compreendidas levando-se em conta as lutas locais (aparentemente, pequenas lutas como: construção de templos e instituições de caridade; controvérsias públicas nos jornais; enterramentos em cemitérios católicos; alianças sociais, etc.), realizadas por agentes religiosos de grupos minoritários. Estas “pequenas rupturas” foram

²⁸ Nesse sentido, é emblemática a conclusão de Roque Spencer M. de Barros (1997, p. 336) sobre a conjuntura que levou à chamada Questão Religiosa, em cujo subtítulo traz “Maré em favor do Estado laico”: “Em uma palavra, aqui e ali, o sistema da religião oficial ia sendo aos poucos minado, para atender as reivindicações da consciência moderna.”

²⁹ Os que não eram praticantes da religião majoritária, ou seja, os de “religiões toleradas” e mesmo católicos batizados, mas que não se submetiam à Igreja Católica.

³⁰ Alguns autores que trataram do tema são: Vieira (1996); Ribeiro (1973); Lima (2010b).

decisivas para ampliar e reformular os limites normativos da liberdade religiosa e do próprio pluralismo religioso, ou seja, definir as singularidades do espaço público no Brasil.

Assim, compreendo a biografia de um missionário norte-americano, no contexto nordestino, como uma proposta necessária para a historiografia do protestantismo brasileiro (ainda pouco expressiva na compreensão das vivências específicas dos indivíduos protestantes e missionários estrangeiros), como também uma possibilidade de ultrapassar os limites da especialidade e localizá-la dentro de um processo social mais amplo na história brasileira.

A escolha de escrever uma biografia para alcançar esse objetivo é uma opção entre outras possíveis. Tão somente – o que não é pouco – as biografias têm o mérito de nos conectar a uma vida, com suas ousadias e covardias, alegrias e angústias, limitações e possibilidades, projetos e incertezas; enfim, de tornar a narrativa histórica mais próxima de como sentimos nossas próprias vidas, sem que isso signifique abdicar de um ganho cognitivo sobre a história social.

É necessário destacar este último aspecto, pois entendo que a escrita de uma biografia pelo historiador implica em um compromisso ético-cognitivo. Nesse sentido, procurei produzir uma biografia seguindo o que Benito Schmidt (2014, p. 142) – ao contrapor o sentido de verdade do senso comum ao (que deve ser o) do historiador –, aponta como caminho para a escrita de biografias pelos historiadores:

nas biografias produzidas por historiadores profissionais, mais importante do que revelar detalhes antes desconhecidos, do que falar tudo o que se descobriu sobre o personagem focado, é compreender o sentido histórico da vida que se estuda. Na História, o que guia os passos da investigação e estabelece o que deve ou não ser narrado são problemas de pesquisa com relevância histórica, que podem ser respondidos pelos métodos dessa disciplina, e no caso da biografia histórica isso não é diferente. Os historiadores biógrafos sabem que não podem ‘esgotar’ o personagem, pois nesse campo não existem biografias ‘definitivas’. Seu interesse é acompanhar um percurso singular para, com ele ou por meio dele, sugerir respostas a questões que também interessam a seus colegas de profissão.

Foi com este objetivo de estabelecer uma questão abrangente que vai além da história particular do personagem, isto é, na busca por levantar “problemas de pesquisa com relevância histórica”, que narrei a vida de George Butler. Não em sua cronologia, ou linearidade narrativa, mas naquilo que me pareceu importante narrar para compreender melhor como se deu, em uma vida determinada, o processo de secularização do espaço público. Destarte, poderia evocar aqui as palavras de Jacques Revel (2000, p. 23) ao tentar classificar o *Herança Imaterial* de Giovanni Levi:

Trata-se mesmo, a propósito, de uma biografia? Não, no sentido clássico do termo, com todas as limitações que este implica: um começo, um fim, uma continuidade da narrativa. Mas sim. Sem dúvida, se aceitarmos refletir “sobre o que é importante e o que não o é quando se escreve uma biografia”, ou seja, sobre as condições e os contextos nos quais tal história toma corpo e sentido.

Da mesma forma, as proposições de Benito Schmidt foram-me uma inspiração para produzir uma narrativa biográfica que, ao invés de estar comprometida pela ideia de uma coerência pessoal e temporal do sujeito, expusesse as singularidades e fragmentações da sua identidade, seus pertencimentos sociais e suas tensões com seus grupos:

quero defender a ideia de que os biógrafos não devem se fixar na busca de uma coerência linear e fechada para a vida de seus personagens, mas que precisam sim apreender facetas variadas de suas existências, transitando do social ao individual, do inconsciente ao consciente, do público ao privado, do familiar ao político, do pessoal ao profissional, e assim por diante, sem tentar reduzir todos os aspectos da biografia a um denominador comum (SCHMIDT, 2000, p. 63)

Contudo, o fazer biográfico nos coloca obstáculos a superar. Entre eles, o mais notório é a armadilha dos estereótipos, arapuca em que muitos biógrafos caem, consciente ou inconscientemente, submetendo seus personagens a arquétipos de heróis ou vilões. Para evitar isso, esforcei-me por restituir o sujeito ao seu tempo histórico, contemplando tanto as coerções sociais que condicionam a vida individual quanto o espaço de liberdade e transformação possíveis a uma individualidade. Assim, essa biografia³¹ não flerta com um *voyeurismo* invasor e consumidor da vida alheia, muito menos com propósitos apologéticos religiosos, mas visa ser um recurso interpretativo sobre a sociedade.

Essa perspectiva tornou-se o eixo gerador de questões para a compreensão da vida de George Butler e das culturas e sociedades com as quais conviveu. Como esse indivíduo participou das transformações macrossociais de sua época? Qual o peso de suas ações nos contextos histórico-sociais em que viveu? Quais sentidos e negociações foram construídas por George Butler no interior de processos como a secularização da cultura e a laicização do Estado na transição republicana?

³¹ Este gênero de amplo enraizamento na tradição ocidental tem sido amplamente discutido em razão de seu “retorno”. As razões aventadas para tal *return* são diversas e não mutuamente excludentes: indo desde o triunfo do lugar do indivíduo na sociedade moderna, passando pelo *voyerismo* compartilhado pelo público e biógrafo até explicações relativas às mudanças epistemológicas nas ciências sociais. Esta última, caracterizada como um desgaste dos paradigmas teórico-metodológicos com ênfase no peso das estruturas no processo histórico e a busca de modelos que recolocam o sujeito no processo. Onde o papel dos indivíduos, famílias e pequenos grupos – ou os aspectos micro, locais e subjetivos –, são considerados no interior das macroestruturas ou dos influxos globais, mas sempre em tensão com estes, e sem prejuízos à natureza criativa da ação humana, por meio de uma pesquisa rigorosa sobre as estratégias, negociações e racionalidades dos atores sociais.

A micro-história

Na formulação das perguntas e no contato inicial com as fontes, a análise do nível micro foi adquirindo relevância para a construção do objeto de pesquisa. Nesse caminho, o contato com a obra de Giovanni Levi foi uma descoberta igualmente orientadora e desafiadora. Percebi que o impulso inicial da pesquisa continha muito do programa microanalítico proposto por este autor, especialmente no que diz respeito às articulações, negociações e resistências do nível local às transformações e imposições de processos sociais e políticos mais amplos.

Todavia, a leitura de *Herança Imaterial* (2000) não deixou de ser desencorajadora ao ver a perícia de um historiador econômico, como é Levi, expor com riqueza de detalhes as estratégias, negociações e mediações de famílias e indivíduos de uma aldeia durante mais de meio século, ante as transformações modernizadoras na administração estatal e no mercado de terras. Em razão disso, fiquei ciente que meu primeiro desafio seria transportar, na medida do possível, essa perícia descritiva do “rés-do-chão” para a análise de um campo eminentemente cultural como a história da religião.

Prosseguindo nas leituras, encontrei no próprio Giovanni Levi algum encorajamento e surgiram as referências mais próximas ao chão da minha pesquisa:

os micro-historiadores concentraram-se nas contradições dos sistemas normativos e por isso na fragmentação, nas contradições e na pluralidade dos pontos de vista que tornam todos os sistemas fluidos e abertos. As mudanças ocorrem por meio de estratégias e escolhas minuciosas e infinitas que operam nos interstícios de sistemas normativos contraditórios. Isto é realmente uma reversão da perspectiva, pois acentua as ações mais insignificantes e mais localizadas, para demonstrar as lacunas e os espaços deixados em aberto pelas complexas inconsistências de todos os sistemas. (LEVI, 1992, p. 154, 155)

Meu interesse por George Butler em muito surgiu ao observá-lo, nas fontes, exercendo uma política do cotidiano: ora enfrentando as autoridades católicas, ora retraindo-se; ora aliando-se aos poderosos locais, líderes republicanos, intelectuais anticlericais, coronéis do interior nordestino; ora sendo seguido pelas massas de pobres sertanejos as quais prestava serviços médicos. Um indivíduo que em meio às restrições sociais e oportunidades de seu contexto, utilizava-se do que podia (manipulando, negociando, mediando os elementos da cultura e da natureza), para passar a vida naquelas paragens e ainda inserir uma nova religião que se apresentava associada às transformações culturais e estruturais do período, e por isso, talvez mais do que por motivos estritamente religiosos, fora hostilizada pelas resistências da antiga ordem.

De fato, a inserção de uma nova religião e os embates decorrentes acentuaram as disputas pelas representações sociais e pelos significados das ações dos agentes religiosos. As fontes apresentavam as ações do nosso personagem no interior de uma estrutura simbólica que se mostrava plural e conflituosa, em um contexto de transformações aceleradas. Nesse sentido, as indicações de Levi (1992, p. 152) levaram-me a atentar não só para a polissemia, como também para a estratificação social dos sentidos existente nos “sinais e símbolos públicos” emitidos pelo biografado:

Em outras palavras, embora os costumes e o uso dos símbolos sejam sempre polissêmicos, não obstante eles assumem conotações mais precisas, a partir das diferenciações sociais variáveis e dinâmicas. Os indivíduos constantemente criam suas próprias identidades, e os próprios grupos se definem de acordo com conflitos e solidariedades que contudo não podem ser presumidos *a priori*, mas resultam das dinâmicas que são objeto da análise. (LEVI, 1992, p. 152)

É nessa perspectiva que foram objeto de análise, nos capítulos que seguem, eventos e ações vivenciados por George Butler – as polêmicas pelos jornais, os rituais de enterramentos, as igrejas e edifícios que construiu –, bem como os seus grupos sociais, compreendendo, como observou Levi (1992, p. 149), que “tanto a quantidade de informação necessária para se organizar e definir a cultura, quanto a quantidade de informação necessária à ação, são historicamente mutáveis e socialmente variáveis”.

É certo que a abordagem micro-histórica não se restringe à biografia, nem a opção por uma biografia implica no uso da micro-história como aporte teórico-metodológico. Todavia foi compreendendo a especificidade da micro-história de Giovanni Levi (2005) em relação aos diferentes “usos da biografia” que consegui lançar um novo olhar sobre as fontes e perceber em George Butler um agente capaz de conscientemente utilizar-se das contradições normativas de uma ordem social para produzir transformações na realidade.

Para Giovanni Levi (2005), o indivíduo possui uma liberdade limitada no interior das coerções do contexto social, mas uma liberdade consciente propiciada pelas ambiguidades e contradições inerentes ao sistema normativo:

Na verdade nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação [...]. Há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita dessas inter-relações. (p. 179, 180)

Passei a entender o biografado como um homem vivendo na fronteira entre as pressões oriundas do conflito aberto pela concorrência religiosa e a extrema carência de mínimos cuidados de saúde pública daquelas populações. Por vezes, forçando os limites da norma jurídica e social, outras, adequando-se. Seus múltiplos e contraditórios laços e enfrentamentos motivou-me a perceber sua trajetória (ainda que em meio a coerções sociais) com uma margem de liberdade para atuar pela transformação social. Pois, como observou Giovanni Levi (2005, p. 182), “para todo indivíduo existe também uma considerável margem de liberdade que se origina precisamente das incoerências dos confins sociais e que suscita a mudança social”.

Concordo, portanto, com Sabina Loriga (1998, p. 249), sobre a necessidade de afirmar o lugar do indivíduo, das suas indissociabilidades e da sua liberdade pessoal na história e na compreensão das mudanças históricas:

Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais: penso nas inércias e na ineficácia normativas, mas também nas incoerências que existem entre diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, “façam” eles ou não a história, moldam e modificam relações de poder.

Foi esta abordagem útil para analisar episódios na vida de George Butler, sejam as “ações mais insignificantes e mais localizadas” (LEVI, 1992, p. 154, 155), como o enterramento de uma mulher protestante em um cemitério católico em São Luís e os conflitos com o clero católico; ou aspectos que marcaram sua carreira: as relações com intelectuais e líderes republicanos, a proeminência do uso da medicina a partir de determinado momento da carreira missionária e a construção de igrejas, escolas e um hospital. Em suma, percebi um indivíduo capaz de atuar no processo histórico – a redefinição do espaço público – não somente ser passivo a ele. Nesse sentido, o olhar micro-histórico foi fundamental.

A micro-história e a história do protestantismo

Em busca de modelos de micro-história no campo da historiografia do protestantismo, notei uma carência de obras que utilizam sistematicamente este referencial. Há trabalhos em que a micro-história aparece como recurso metodológico. Aqui a influência principal é de Carlo Ginzburg, seja pelo esforço de observar as entrelinhas dos discursos dos poderosos para alcançar a voz, o cotidiano e as crenças dos “esquecidos da história” (GINZBURG, 1987), seja

pelo “paradigma indiciário”³², evocado para justificar a atenção do pesquisador às informações marginais, aos indícios existentes em fontes inicialmente distantes dos objetivos da pesquisa.

Encontrei outra apropriação mais específica da microanálise em algumas abordagens biográficas de personalidades protestantes: o objetivo de estabelecer as redes de relações sociais dos sujeitos e as estratégias que desenvolveram no interior dessas redes ao longo de um determinado período. A análise aqui centra-se na relação entre determinantes sociais e relativa liberdade dos indivíduos no interior das coerções sociais. Mas geralmente nesse ponto, as propostas de micro-historiadores como Ginzburg e Levi, diluem-se nas propostas de Pierre Bourdieu para evitar a “ilusão biográfica”, sem que se explicitem as distinções entre as propostas de Levi e Boudieu para a escrita biográfica³³.

Embora estas sejam apropriações legítimas e profícuas para a pesquisa, raramente vemos entre os historiadores do protestantismo uma utilização mais aprofundada da micro-história como “a escolha essencial de uma escala de observação [que] se baseia na convicção central de que ela oferece a possibilidade de enriquecer as significações dos processos históricos por meio de uma renovação radical das categorias interpretativas e de sua verificação experimental” (GROENDI, 1998, p. 262).

No estudo do protestantismo brasileiro, predomina obras acadêmicas feitas majoritariamente por sociólogos, cujo foco está nos processos macrossociais vinculados a introdução das instituições protestantes e às condições sociais, culturais ou legislativas dessa inserção, a vinculação com o imperialismo euro-americano, o transplante dos modelos culturais-civilizacionais anglo-saxões e a recepção ou resistências da cultura brasileira; ou de viés mais antropológico: a análise do poder, das crenças e de rituais das Igrejas evangélicas³⁴, principalmente as pentecostais e neopentecostais contemporâneas. No campo da História, não somente a história do protestantismo, mas a História das Religiões sofreu uma marginalização entre os historiadores profissionais brasileiros³⁵.

³² Ressalte-se que a proposta de Ginzburg não se restringe a micro-histórica, sendo uma proposta metodológica para o amplo campo de pesquisas nas ciências humanas e sociais.

³³ No artigo “Usos da Biografia”, Giovanni Levi critica certo determinismo sociológico nas propostas de Bourdieu: “Pierre Bourdieu levanta tanto a questão do determinismo quanto da escolha consciente, mas a escolha consciente é antes constatada do que definida e a ênfase parece cair mais nos aspectos deterministas e inconscientes, nas ‘estratégias’ que não são fruto ‘de uma verdadeira intenção estratégica’” (LEVI, 2005, p. 175).

³⁴ O uso do termo evangélicos(as) aqui se justifica por sua utilização atual na sociedade brasileira como categoria que engloba diferentes grupos de alguma forma oriundos da Reforma Protestante: os protestantes de instituições criadas durante a reforma européia, denominados “históricos” (luteranos, presbiterianos, batistas, anglicanos etc.), os pentecostais (Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Evangélica Quadrangular, etc.) e os neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Mundial do Poder de Deus e Sara Nossa Terra, etc.).

³⁵ A reticência entre os historiadores deveu-se talvez pela percepção de uma determinada História das Religiões muito institucional ou preocupada com a história dos grandes sistemas de crenças, ou ainda pela compreensão de

Não por acaso, coube a um historiador estrangeiro a primazia na genealogia da “historiografia do protestantismo brasileiro”³⁶, o francês Émile G. Leonard nos anos 1950. Este calvinista francês, seguidor da nova história dos Annales³⁷, na sua obra principal *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social (1951-1952)*, argumenta em favor das similaridades entre o contexto anterior às missões protestantes no Brasil e a Europa pré-Reforma. O autor estabelece uma tese das pré-condições sócio-culturais favoráveis à inserção protestante e à adesão das populações brasileiras à nova religião, e paralelamente constrói “o protestantismo brasileiro” como uma espécie de espelho turvo dos processos já vivenciados e dos caminhos que precisam ser rejeitados ou retomados pelo protestantismo francês³⁸.

Durante as décadas de 1960 e 1980, amplia-se o campo de interpretações do protestantismo brasileiro. Sociólogos, antropólogos, filósofos munidos de diferentes matrizes teóricas desconstróem várias naturalizações sobre o protestantismo (como a pré-noção de entendê-lo como ideologicamente unívoco) e abrem novas perspectivas de análise como a relação protestantismo e religiosidade afro-católica brasileira³⁹, protestantismo e economia⁴⁰ ou protestantismo e poder⁴¹.

Entre os trabalhos de sociólogos, vale destacar os de Boanerges Ribeiro nos anos 1970-1980⁴². Explorando a ideia das pré-condições culturais aberta por Leonard, propôs sua tese *Protestantismo no Brasil Monárquico 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do*

que a chamada História das Religiões Comparadas era especialidade dos cientistas da religião. Por fim, parece que isso gerou um desencontro entre historiadores, cientistas da religião e historiadores das religiões. Um exemplo dessa falta de diálogo e mesmo de conhecimento dos trabalhos se deu, como bem demonstrou Coutinho (2007), entre os historiadores da religião e os demais historiadores brasileiros.

³⁶ Sobre esse tema ver: Quadros (2016), Watanabe (2011), Santos (2008), Santos (1999). Apesar de algumas ressalvas ao uso da palavra “historiografia” para designar a escrita da história do protestantismo no Brasil (WATANABE, 2011, p.21; SANTOS, 2008, p.181), ela é bastante utilizada. O certo é a insuficiência de reflexão historiográfica no campo de estudos do protestantismo no Brasil (QUADROS, 2016, p. 140).

³⁷ Leonard foi sucessor de Lucien Febvre na cadeira de História da Reforma e do Protestantismo da Escola Francesa de Altos Estudos (LEONARD, 1981, p.15), e fez parte da Missão francesa na USP lecionando no Brasil nos anos 1940.

³⁸ Por isso, Watanabe (2011, p. 111) entende que Leonard “constrói uma narrativa dividida entre a nostalgia e o fatalismo. Ao ver os problemas da Europa penetrarem em alguns grupos protestantes brasileiros, comporta-se como atalaia, pronto a avisar para os perigos de determinadas atitudes. É um fiel preocupado com o presente dos brasileiros, um fiel à procura de soluções para seu protestantismo francês”. Santos (1999, p. 396) vai ainda mais longe, questionando o próprio uso dessa obra como “modelo para a construção historiográfica do protestantismo”.

³⁹ CAMARGO, Procópio. *Católicos, Protestantes e Espíritas* (1973).

⁴⁰ CÉSAR, Waldo. *Protestantismo e Imperialismo na América Latina*, (1968) e *Para uma Sociologia do Protestantismo brasileiro* (1973).

⁴¹ ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*, (1979).

⁴² Boanerges Ribeiro era um pastor, descendente de uma família evangelizada pelos primeiros missionários presbiterianos, que nos anos 1970 tornou-se o líder máximo da sua instituição religiosa (a IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil) apoiando o alinhamento institucional à ditadura militar contra os evangélicos progressistas. Sobre esse tema, trataremos melhor no capítulo 5 deste trabalho.

protestantismo no Brasil (1973), pautando-se numa análise de contornos funcionalistas⁴³. Para Ribeiro o protestantismo missionário foi beneficiado por conflitos entre forças internas (como os conflitos entre católicos regalistas e tridentinistas, existentes desde o período regencial) e por agentes externos (a presença de comerciantes protestantes ingleses, escoceses, etc.) que pressionaram o sistema jurídico imperial e possibilitaram o estabelecimento das missões na segunda metade do século XIX.

A importância de Boanerges Ribeiro para esta pesquisa também se manifesta em *A Igreja Evangélica e a República Brasileira* (1991), não só pela proximidade temática e temporal, como também por dedicar algumas páginas aos conflitos vividos por George Butler no agreste pernambucano, construindo uma narrativa sobre o seu papel na expansão do protestantismo a partir das cidades de Garanhuns e Canhotinho, “o grande centro irradiador onde se formaram pastores para todo o Nordeste e Norte do Brasil” (RIBEIRO, 1991, p. 90).

Outro autor de referência é David Gueiros Vieira⁴⁴, historiador de formação, ex-professor da Universidade de Brasília. Gueiros Vieira produziu uma das obras mais importantes e discutidas da historiografia brasileira, *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil* (1980), onde o autor apresenta, baseado em uma extensa e sólida documentação, a tese da relação de cooperação entre o liberais, maçons, republicanos, protestantes e outros grupos minoritários (religiosos ou não) para opor-se ao poder político da Igreja Católica Romana no Brasil, como alternativa religiosa de reforma social, destacando a influência do elemento protestante na conhecida Questão Religiosa.

David Gueiros Veira é mencionado diversas vezes ao longo deste trabalho, não só devido a importância da obra acima citada, como também pelo fato de ter sido ele, enquanto era um jovem historiador realizando seu mestrado, o primeiro a empreender um estudo biográfico sobre George Butler, uma obra que nos serviu como fonte e objeto de análise.

⁴³ Aqui o diálogo é com um de seus professores Antonio Rubbo Müller autor de uma *Teoria da Organização Humana*. Segundo Ribeiro (1973, p. 12) entre as conclusões dessa Teoria estão: “A organização humana baseia-se na existência de 14 sistemas sociais específicos para-autônomos: de parentesco, sanitário, de manutenção, de lealdade, de lazer, viário, pedagógico, patrimonial, de produção, religioso, militar, político, jurídico e de precedência. Quando um sistema social específico exorbita de suas funções, tensões sociais tendem a ocorrer”. Está fora dos nossos objetivos aqui fazer uma crítica mais pormenorizada dessa obra de Boanerges Ribeiro, mas cabe assinalar que talvez por causa dessa perspectiva organicista da sociedade – entre outros motivos de natureza ético-política –, sua obra não tem sido muito apreciada, como referencial teórico-metodológico, pelos atuais historiadores do protestantismo.

⁴⁴ Também descendente de uma tradicional família evangelizada pelos primeiros missionários do Nordeste. Esse trabalho foi sua tese na American University, em Washington, defendida em 1973. É interessante notar que tanto Léonard quanto Vieira produzem obras de história sobre o protestantismo brasileiro dentro de um diálogo com o campo acadêmico francês e americano respectivamente, um sintoma de que o tema não estava nas preocupações do campo historiográfico brasileiro dos anos 1950-1970. Ainda voltaremos a falar muito sobre David Gueiros Vieira ao longo deste trabalho, principalmente por ter sido ele o primeiro a tomar a biografia de George Butler como objeto de pesquisa acadêmica.

Também o seu livro sobre a *Trajetória de uma família: a história da família Gueiros*, de 2008 (um texto escrito/publicado com as marcas memorialistas da velhice), foi um precioso recurso de informação sobre a vivência no interior pernambucano e das relações dos seus ascendentes com nosso biografado e os demais missionários protestantes.

Outro historiador cuja obra é fundamental para a historiografia do protestantismo é Ducan Alexander Reily e sua *História Documental do Protestantismo no Brasil*, de 1983. Uma obra que não só coleciona e revela um amplo conjunto documental, mas é “realmente uma história do protestantismo no Brasil” contada pelos e a partir dos documentos que o autor exhibe (REILY, 2003, p. 20). Cada conjunto temático de documentos é sempre cuidadosamente contextualizado por uma introdução e comentário, os quais foram extremamente úteis para esta pesquisa, em especial os relativos aos processos de laicização e secularização, como a luta pela liberdade de culto e às relações entre protestantes e católicos, além de outros temas.

A despeito de todas as inestimáveis contribuições desses estudos, permaneceu na historiografia protestante uma lacuna que só mais recentemente começou a ser preenchida: o interesse pela historicidade dos sujeitos que fizeram o protestantismo, ou seja, a pesquisa sobre os diferentes modos-de-ser da fé protestante em conjunturas históricas específicas.

Essa tarefa passou a ser mais sistematicamente desenvolvida a partir do trabalho de outro sociólogo, Antônio Gouvêa Mendonça, em sua tese *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil* (1984). Mendonça, que era também pastor da Igreja Presbiteriana Independente⁴⁵, analisou um aspecto até então negligenciado: a relação entre as predisposições ideológicas e teológicas dos missionários estadunidenses no século XIX e as características religiosas das populações do interior de São Paulo e Minas Gerais. Para o autor, o protestantismo brasileiro é resultado do amálgama das intenções, mensagens e estratégias missionárias com as práticas e concepções de um catolicismo laico e pouco oficial dos receptores. Este hibridismo foi criando “um protestantismo com características muito próprias, até certo ponto negador de seus modelos históricos ligados ao liberalismo e à modernidade” (MENDONÇA, 1995, p. 17, 18).

A partir dos anos 1980 e 1990, a maior divulgação dos Annales e da Nova História Cultural na academia brasileira contribuiu para um aumento dos trabalhos de historiadores do protestantismo preocupados com os aspectos culturais. Nesse campo, tornou-se imperativo o

⁴⁵ Mendonça era descendente de uma das primeiras famílias evangelizadas no interior paulista pelo primeiro pastor brasileiro, o ex-padre José Manuel da Conceição. Segundo Marcone Bezerra Carvalho, Mendonça “foi ordenado pastor presbiteriano em 1965, mesmo sem ter feito o Seminário” e pastoreou igrejas na Grande São Paulo. (CARVALHO, 2014, p. 15)

diálogo com autores identificados com essas correntes como, Roger Chartier e Carlo Ginzburg. Para este último “não é arriscado supor que a voga crescente das reconstituições micro-históricas esteja ligada às dúvidas crescentes sobre determinados processos macro-históricos” (GINZBURG, 1989, p.172).

Os novos historiadores do protestantismo, fazendo suas pesquisas nas décadas finais do século XX e início do XXI, parecem bastante orientados por essas dúvidas de que nos fala Ginzburg. Assim, optam em seus problemas de pesquisa por novos objetos ou novas abordagens sobre conhecidos processos macro-históricos. Nesse sentido, vale citar dois autores a título de exemplo: Elizete da Silva e Lyndon de Araújo Santos.

A tese de Elizete da Silva, *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia* (1998), surgiu como uma das pioneiras da Nova História Cultural nas pesquisas sobre o protestantismo. A autora alicerça sua tese sobre o conceito de representações, analisando as concepções, crenças, posicionamentos, atitudes de dois grupos protestantes na Bahia entre 1880-1930, os anglicanos e batistas. Suas diferenças teológicas, de origem e de estrato social são relacionadas às suas representações sobre as transformações políticas, econômicas, ao problema da liberdade dos escravos e da discriminação racial, aos movimentos e conflitos sociais do período, às concepções de vida e morte junto às possibilidades da mudança social, além das transformações nas relações de gênero com o surgimento dos primeiros movimentos feministas. Tal estudo das concepções e relacionamentos dos protestantes com a realidade sócio-política, com o qual se deparavam na Bahia da virada do século, constitui uma forma de compreender os meios de coesão e construção da identidade protestante no confronto da diferença sócio-religiosa de maioria afro-católica.

A tese de Lyndon de Araújo Santos, *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura brasileira na Primeira República Brasileira* (2006), objetiva desvelar “como historicamente foram construídas as maneiras de ser protestante ou evangélico no Brasil” (SANTOS, 2006, p. 17). A investigação coloca como problema a construção das *identidades* do ser protestante no Brasil, contrapondo-se ao católico e ao afro-brasileiro. O autor valoriza a abordagem das subjetividades, valores e vivências desses indivíduos, perscrutando diferentes fontes desde literárias, crônicas jornalísticas, processos de casamento entre protestantes e católicas e fontes iconográficas como o quadro *Os dois caminhos*.

Como se vê a introdução do protestantismo passou então a ser compreendida para além do seu viés institucional, inserindo entre os historiadores do protestantismo um conjunto de categorias visando precisar melhor o conceito de cultura, tais como mentalidades, discursos,

práticas, identidades, representações etc., pensadas agora ao lado das condições sociais, políticas e econômicas da sociedade brasileira.

Este trabalho incorpora várias dessas contribuições, sobretudo a atenção sobre a permanente construção da fé protestante em interação com a vida concreta dos grupos sociais que a receberam. Ademais, segue no esforço de duvidar dos processos macro-históricos, muitas vezes pensados quase sem sujeitos históricos, averiguando o lugar dos missionários protestantes na secularização das subjetividades e da sociedade por meio do estudo de uma trajetória.

Isso não significa que construo George Butler como representativo de um grupo, em uma espécie de *biografia modal*⁴⁶. A relação que pretendo discernir do seu caso particular com o grupo mais amplo (os missionários protestantes) está em compreender suas ações como parte de um vasto movimento de pressão sobre os limites da legitimidade religiosa no espaço público (algo realizado também por agentes de outras religiões à mesma época). Porém, sem deixar de enfatizar o destino de uma individualidade, pois as estratégias e discursos de George Butler são suas escolhas, resultante das incertezas e limitações das informações de que dispunha, bem como da singularidade de suas relações sociais no interior de relações de poder locais.

O ponto de partida, então, é a dúvida sobre a ideia da secularização como um processo macro que se impõem necessariamente sobre a sociedade por meio de um estado republicano laicizante, e da religião como elemento a ser excluído desse novo arranjo. O esforço empreendido é, ao contrário, perceber a secularização a partir de múltiplas lutas localizadas, principalmente lutas simbólicas com efeitos concretos, nas quais os agentes religiosos, principalmente protestantes e católicos, são protagonistas desse processo. Logo, uma análise microanalítica pode contribuir numa melhor compreensão de como Estado e Religião adaptaram-se aos novos tempos e acomodaram suas posições, ora de cooperação, ora de enfrentamento.

Biografia e protestantismo

A difusão da Nova História Cultural na academia brasileira favoreceu o surgimento de novos problemas e a postulação de novos objetos também entre os historiadores do protestantismo, como: a morte, a música eclesiástica, as relações entre protestantismo e culturas

⁴⁶ “a biografia não é, nesse caso, a de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo.” (LEVI, 2005, p. 175)

locais, o protestantismo e a mídia etc. Apesar da variedade e da fragmentação temática, pouca atenção foi dada às biografias: seja como objeto de pesquisa⁴⁷ ou gênero de escrita da história.

Como escrita da história, aparentemente os historiadores acadêmicos do protestantismo compartilham com os demais historiadores profissionais da mesma desconfiança em relação à biografia. Parte dessa suspeita é justificável pela sua tradicional associação à exaltação dos “grandes homens”, seu apelo a exemplaridade moral do biografado, a narrativa cronológica e factual, exercendo, por hábito de formação dos historiadores, o papel de antítese-modelo à história-problema proposta pelos Annales.

Acrescente-se o fato de que investigar um personagem pertencente a um grupo religioso, geralmente um herói ou santo para os fiéis, sempre lança uma sombra de dúvida sobre os verdadeiros interesses⁴⁸ do pesquisador ou, no mínimo, se ele seria capaz de realizar o necessário distanciamento epistemológico para analisar tal biografia de maneira a produzir um conhecimento historicamente relevante e não uma hagiografia.

Prudentemente, muitos historiadores preferem não enfrentar essas desconfianças e limitações da biografia, mas os que enfrentam, geralmente se utilizam de artifícios retóricos para não identificar sua pesquisa com esta difamada sócia da história. Um dos indícios desse ocultamento na historiografia do protestantismo é a quase ausência do termo “biografia” nos títulos de teses e dissertações e uma maior presença da palavra “trajetória” inspirada em Bourdieu. Outro recurso é não colocar o foco da análise sobre a vida do personagem, fazendo a ênfase recair sobre suas ideias ou contribuições numa determinada especialidade profissional, seguido pelo ritualístico cuidado de afirmar que não se está fazendo uma biografia.

Quando pesquisei por trabalhos sobre biografias (ou trajetórias) de protestantes⁴⁹, surgiram dois aspectos notáveis: quantitativamente, em números absolutos, o pequeno número de trabalhos nas áreas de História, sendo mais comum encontrá-los nas áreas de Ciências da Religião ou Educação⁵⁰; e qualitativamente, após a leitura de alguns desses trabalhos, percebi

⁴⁷ Quanto aos trabalhos que tomaram as biografias de protestantes como objeto de estudo, são dignos de nota a tese de Watanabe (2011) que dedica um “anexo” à análise de duas biografias de protestantes vinculados ao Brasil, o texto “Usos e abusos de uma vida” de Carlos Barros Gonçalves (2013) e o artigo “As Biografias protestantes como hagiografias” de Wilton Silva e Rogério Veras (2016).

⁴⁸ A expressão refere-se a um artigo já célebre de Pierucci: “Interesses religiosos dos sociólogos da religião”, cuja saída do “jogo duplo” está “em assumir bem-analisadamente a própria pertença religiosa, caso haja.” (1997, p. 255)

⁴⁹ Busca realizada no Banco de Teses da CAPES, disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em mar. 2017.

⁵⁰ Proporcionalmente, trabalhos sobre personagens protestantes estão mais presentes na área de Educação. Ressalte-se que o grande número, em termos absolutos, de trabalhos sobre o protestantismo na área de Ciências da Religião explica-se pelas características dos cursos de pós-graduação desta área, muitos ligados às instituições protestantes de educação superior.

que poucos são os que realizam uma reflexão teórica sobre a biografia como instrumento de conhecimento historiográfico.

Quadro 1: Teses e dissertações sobre protestantismo e biografias de protestantes

Áreas de conhecimento	Trabalhos sobre protestantismo	Trabalhos sobre biografias de protestantes	Percentual
História	71	5	7%
Ciências da Religião	256	17	6,6%
Educação	42	8	19%

Fonte: elaborado pelo autor, 2018.

O que ocorre geralmente é uma aceitação tácita de certa concepção da biografia como narrativa cronológica dos principais acontecimentos entre o nascimento e a morte do indivíduo. Outras vezes, a biografia é usada como uma espécie de preliminar para o objeto de fato (geralmente as ideias do personagem estudado), ou para retirar informações do contexto do personagem estudado. Raros são os pesquisadores que se propõe a pensar os complexos problemas da relação vida e obra, ou indivíduo e contexto, implicando-os numa teoria ao longo da análise.

Os exemplos abaixo são algumas exceções que superaram a abordagem tradicional e, por vezes, superficial da biografia nos trabalhos históricos sobre um personagem protestante.

A tese de Carla Simone Chamon, *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: trajetória profissional de uma educadora (1869-1913)*⁵¹, de 2005, na área de Educação, aborda o tema já conhecido da influência norte-americana na educação brasileira após a proclamação da República, porém em uma chave inovadora, a trajetória profissional de uma mulher, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, uma personagem pouco conhecida embora sempre citada *en passant* pelos estudiosos da história da educação.

Embora pareça receosa em se afirmar produzindo uma biografia⁵², a autora não se furta a pensar sobre as possibilidades e limitações da perspectiva biográfica para a escrita da história, principalmente, corroborando a importância do papel do indivíduo no processo de transformação cultural. Desde o início, deixa claro sua adesão teórica aos pressupostos

⁵¹ Publicada como: CHAMON, Carla S. **Escolas em reforma, saberes em trânsito**: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

⁵² Uma questão levantada pela autora é: “Que gênero de história é esse que me proponho ao escrever a respeito da trajetória profissional de Maria Guilhermina? A princípio parece tratar-se de uma biografia, considerando-se que esta conta a história de uma vida e possibilita o resgate do indivíduo” (CHAMON, 2005, p. 33).

sociológicos de Pierre Bourdieu, criticando a ideia da identidade linear e estável característica da “ilusão biográfica” e compreendendo a noção de trajetória enquanto colocações e deslocamentos dos sujeitos no interior de um espaço social múltiplo e aberto a diferentes futuros, onde os próprios sujeitos participam constantemente de sua construção e reconstrução.

Maria Guilhermina, segundo a autora, obteve reconhecimento à época como uma das poucas pessoas no Brasil a ter competência sobre os modernos procedimentos escolares-educativos por tê-los estudado e aplicado enquanto vivera por quatro anos nos Estados Unidos (1883-1887). Assim, ela entrou nos anais historiográficos como uma *avis rara* da educação brasileira, uma trajetória singular à época e por isso requisitada pelos reformadores educacionais de três estados do sudeste brasileiro. O argumento de Chamon é que tal singularidade só foi possível em razão da sua rede de relacionamentos com os missionários protestantes após sua conversão ainda na década de 1860. Dessa forma, compreendemos que o estudo das transformações na educação pública brasileira após a República não pode desconsiderar a agência de atores religiosos e suas redes de relacionamentos com reformadores educacionais do período.

O trabalho de Adroaldo Almeida⁵³ *O anjo reificado: sentidos do carisma e do poder na Igreja Evangélica Brasileira*, também de 2005, na área de Ciências Sociais, trata da trajetória de Miguel Vieira Ferreira, um intelectual, político, monarquista, positivista, católico/republicano, protestante/místico e fundador da Igreja Evangélica Brasileira (IEB), em 1879. O autor procura compreender essas diferentes mutações do personagem embasado nas categorias weberianas (sacerdote-mago-profeta, carisma e vocação) e em Bourdieu, no que concerne as lutas simbólicas e as estratégias de um agente transitando por diferentes campos (político, intelectual e religioso).

Por fim, Almeida propõem-se uma etnografia a fim de compreender a memória, os símbolos, os comportamentos e o ritual da Igreja Evangélica Brasileira, onde seu fundador é equiparado ao Anjo Miguel do livro do Apocalipse. Pela biografia de Miguel Vieira, o autor revelou um protestantismo, desde o início, “impregnado por elementos culturais de outras matrizes religiosas, dos quais se (re)apropria para criar elementos novos...” (2008, p.29).

A dissertação de Sérgio Ricardo Coutinho⁵⁴ *Caminhos e descaminhos de um soldado de Cristo: a trajetória político-religiosa de Victor Coelho de Almeida (1879-1944)*, de 1995,

⁵³ Publicada como: ALMEIDA, Adroaldo J. S. *Da Terra ao Céu: a trajetória de um maranhense que virou anjo*. São Luís: EDUFMA, 2008.

⁵⁴ Publicada como: COUTINHO, Sérgio Ricardo. *O Ex-padre: a trajetória política e religiosa de Victor Coelho de Almeida (1879-1944)*, Brasília: Ed. SER, 1999.

apresenta a vida de Victor Coelho, um ex-padre convertido em pastor protestante e que depois, arrependido, voltou ao catolicismo. O personagem propicia o conhecimento das disputas políticas e religiosas entre protestantes e católicos e a atuação de ambos junto aos operários no estado de Goiás. Trata-se de uma pesquisa biográfica inspirada pela psicanálise de Eugene Monik e pela micro-história na qual as experiências de vida (ideias, necessidades, desejos), registradas no diário pessoal de Victor Coelho, são analisadas para perceber sua política da vida cotidiana com problemas, escolhas, incertezas e as formas dialogais de constituição da própria identidade.

Estes exemplos revelam a diversidade de usos da biografia na produção do conhecimento histórico, bem como o fato de que certas inovações propostas pela Nova História Cultural e pelos novos historiadores-biógrafos (de algum modo vinculados àquela), também alcançaram os historiadores do protestantismo. Vale destacar a interdisciplinaridade, especialmente com a antropologia por meio da análise do simbólico ou com uma sociologia focada nas interações microssociais.

Paradoxalmente, entre os biógrafos protestantes, é difícil encontrar pesquisas especificamente fundamentadas na micro-história, tal como fez Sergio Ricardo Coutinho. Acredito, então, que este trabalho se insere num certo veio da produção historiográfica do protestantismo brasileiro ainda pouco explorado e carente de análises, ou seja, o estudo das microssociabilidades, dos significados compartilhados ou criados pelos agentes sociais em determinado processo comunicativo, dos pequenos gestos e rituais que produzem amizades/inimizades e o papel dessa dimensão na compreensão de transformações sociais.

Sendo assim, não é o nível micro *per se* que compreendo como fundamental ao micro-historiador, mas o “jogo de escalas” como diria Revel (1998), isto é, o esforço em alternar a lente objectiva indo do detalhe ao panorama, do indivíduo à sociedade, evitando construir dicotomias que privilegie determinantes, pois essas causalidades não se excluem, mas interagem criativamente na especificidade de cada local/indivíduo. O que não significa abrandar suas tensões (entre as coerções sociais e a liberdade individual, por exemplo), mas intenta uma compreensão mais próxima do *vivido* em que um indivíduo, embora afetado pelas transformações históricas mais amplas, não é mero receptor passivo. Os indivíduos são sujeitos históricos, isto é, possuem sua parcela de responsabilidade seja na apropriação de recursos e oportunidades trazidos pelas mudanças, seja buscando intervir, manipular ou mediar de maneira que processos macro-históricos ganham contornos próprios, e novos sentidos, em cada contexto social específico.

As fontes

Os conhecidos trabalhos de micro-história, como os de Ginzburg, buscam nas fontes inquisitoriais as representações da cultura camponesa perseguida e coagida à normalização pela cultura dominante de uma instituição religiosa. Nessas fontes, o investigado era submetido a um interrogatório e, portanto, eram registradas, ainda que filtradas, sua voz e representações não normalizadas pela instituição.

Apesar de serem o tipo de fonte privilegiada nas análises dos micro-historiadores, em busca de uma história vista de baixo, a abordagem micro-histórica não se limita a estes tipos de fontes. Para Ginzburg (1989, p. 73) mesmo os processos criminais ou inquisitoriais sendo “o que temos de mais aproximado aos inquiridos in loco de um antropólogo moderno”, ainda “corre-se o risco de perder a complexidade das relações que ligam um indivíduo à uma sociedade determinada”. Dessa forma, ainda que se faça uso de diversas fontes (registros civis, registros cadastrais, autos processuais, documentos públicos ou privados) o fundamental é “se o âmbito da investigação for suficientemente circunscrito, as séries documentais podem sobrepor-se no tempo e no espaço de modo a permitir-nos encontrar o mesmo indivíduo ou grupo de indivíduos em contextos sociais diversos” (GINZBURG, 1989, p. 173, 174).

Por sua vez, os historiadores do protestantismo, temos quase exclusivamente vozes já normalizadas pelo padrão institucional. São cartas e relatórios enviados pelos missionários a suas instituições nos quais ocorre um padrão oficial de relato a fim de convencer os seus mantenedores (os comitês de missões e os fiéis das Igrejas de origem) do seu ativismo missionário e provável sucesso daquele empreendimento.

Reconhecendo os limites das fontes institucionais obtidas, surgiram algumas inquietações: como seria possível ver os conflitos pessoais, as frustrações, os arrependimentos, em uma palavra, a vida real desses missionários? Como podemos ver o tecido social construído entre esses missionários e a sociedade local? Como encontrar suas percepções sobre esse chão social em que estão pisando? Ou formulando essas questões em termos teórico-metodológicos: como articular a perspectiva macro com a abordagem micro das vivências de um médico e missionário, quando as fontes predominantemente disponíveis têm muito pouco de vivência? Por conseguinte, é possível fazer uma micro-história do protestantismo? E quando essa micro-história parte de uma trajetória de vida, de um homem da instituição, como fazê-la para não ser institucional? Ou seria a própria instituição um caminho para chegar à subjetividade e vivências desse indivíduo?

Como resposta, em primeiro lugar, busquei transformar o limite em possibilidade, pois se os relatos dos missionários são padronizados, institucionalizados, isto não os impede de

expressarem, ainda que esparsamente, suas individualidades. De qualquer forma, não podemos esquecer que os indivíduos não pensam e nem discursam sozinhos, mas o fazem em meio a coerções sociais, ou institucionais, isto é, em meio a convenções criadas pelos próprios indivíduos convivendo em sociedade.

Nesse sentido, foi importante a contribuição da antropóloga Mary Douglas (1998) para elucidar as inquietações anteriores. Afinal, construir uma oposição radical entre individualidade e instituição/sociedade, poderá nos impedir de perceber como os indivíduos recorrem aos suportes institucionais para tomar decisões difíceis e como as instituições influenciam suas percepções de mundo e subjetividades. Em suma, os indivíduos precisam das instituições para a economia do pensar: “o fardo de se pensar é transferido para as instituições” (DOUGLAS, 1998, p.98).

Outra orientação tão esclarecedora quanto desafiadora veio da leitura do próprio Ginzburg (1989). No texto *O Nome e o Como*, Ginzburg sugere para as pesquisas dos micro-historiadores o método onomástico, ou simplesmente, “persiga o nome”, seja de uma pessoa ou de famílias. Seguir um nome pode ser o fio de Ariadne no labirinto da pesquisa. O nome leva a outras fontes e a outros nomes, ou seja, à rede de relações que aquele indivíduo ou grupo de indivíduos teceu ao longo de uma duração temporal e/ou em diferentes espaços geográficos.

Segundo Jacques Revel (2000, p.17), a opção por acompanhar o nome próprio dos indivíduos ou dos grupos de indivíduos é apenas aparentemente paradoxal ao entendimento do social:

Pois a escolha do individual não é considerada contraditória com a do social: torna possível uma abordagem diferente deste último. Sobretudo, permite destacar, ao longo de um destino específico – o destino de um homem, de uma comunidade, de uma obra –, a complexa rede de relações, a multiplicidade dos espaços e dos tempos nos quais se inscreve.

Perseguir o nome foi um recurso fundamental para tentar reconstituir as redes de relações e perceber nosso personagem atuando em outros espaços fora da instituição eclesiástica, de modo a evitar uma narrativa acrítica aos seus interesses como membro de uma agência religiosa-missionária.

Dentro dessa proposta, inicialmente servir-me de diferentes fontes escritas: os relatórios missionários, os jornais, as atas das igrejas etc. Em seguida, percebi nas fontes iconográficas a possibilidade de extrair informações sobre essas redes de sociabilidade e os seus significados nas ações do missionário. Para compor a análise dos contextos de presença do protestantismo no espaço público e da memória que se produziu sobre o personagem foram fundamentais as

fontes da cultura material (especialmente a arquitetura dos edifícios que ele construiu), a memória oral e as biografias já publicadas sobre George Butler. Passo, então, a descrever com mais detalhes como se deu a organização e utilização dessas fontes.

Aqui utilizo principalmente os relatórios de George Butler e de sua esposa, Rena Butler, publicados nas revistas missionárias de sua Igreja nos Estados Unidos, *The Missionary* e *The Missionary Survey*⁵⁵. Recorri também aos jornais de circulação geral na virada do século XIX/XX em São Luís, Recife, Garanhuns e Canhotinho e aos jornais eclesiásticos, onde quer que o nome de George Butler e seus aliados apareciam.

Foram igualmente úteis as atas eclesiásticas. Tive acesso às atas da Igreja Presbiteriana de São Luís, com registros das reuniões entre 1898-1936, também as atas da Igreja Presbiteriana Independente de São Luís do Maranhão (1903-1920), as atas de reuniões da Igreja Presbiteriana de Recife (1888-1900), da Igreja Presbiteriana de Canhotinho (1920-1950), atas do Presbitério de Pernambuco (1920-1930) e atas da *North Brazil Mission* (1884-1898).

No conjunto destas fontes escritas, é importante destacar as cartas-relatórios feitas por Dna. Rena, seja durante seu trabalho missionário no Brasil, seja após a morte do marido em cartas biográficas escritas por solicitação das Igrejas presbiterianas norte-americanas. São cinco destas cartas biográficas, provavelmente escritas por volta de 1937⁵⁶. Atualmente elas estão no arquivo da *Presbyterian Historical Society* (PHS) na cidade da Filadélfia-EUA. Há também duas cartas enviadas por Dna. Rena ao historiador David Gueiros Vieira no início dos anos 1950, em razão de suas pesquisas para a biografia de George Butler. Estas cartas de Dna. Rena me auxiliaram a compreender seu olhar sobre o trabalho e vida missionária que ela e o marido tiveram, bem como conhecer um pouco da subjetividade de uma mulher, uma esposa de missionário, por sua própria voz.

Não é fácil chegar à voz das mulheres e à sua história, especialmente quando se trata de casais missionários, onde toda a proeminência no espaço público parece ser ocupada pelos maridos e mesmo após a sua morte, é sobre a vida deles que elas têm que se ocupar, narrando-a aos interessados e à instituição que ambos fizeram parte. Sobre a vida da mulher pouco se preserva. Segundo Michelle Perrot, “A destruição dos vestígios também ocorre, sendo social e

⁵⁵ A partir de novembro de 1911, o Comitê de Nashville, buscando ampliar seu público leitor, funde os seus dois órgãos informativos, um para “Missões Estrangeiras”, a revista *The Missionary*, com a revista para “Missões Domésticas”, *The Home Mission Herald*, combinando as duas sob o título de *The Missionary Survey*. *The Missionary Survey*, novembro de 1911, p. 3

⁵⁶ As cartas de Dna. Rena Butler sobre a biografia do marido não estão datadas, mas encontrei um relato sobre a vida de George Butler assinado por uma historiadora da *Woman's Auxiliary of Presbyterian Church*, de Goldsboro, na Carolina do Norte-EUA, datada de 1 de dezembro de 1937, reproduzindo as histórias contadas por Dna. Rena e agradecendo aos seus relatos. Pasta Dr. George Butler, correspondence, notes, and other material related to A Bíblia e o Bisturi. RG 496-15-4. Acervo PHS.

sexualmente seletiva”, em detrimento das memórias e arquivos das mulheres, muitas vezes destruídos por elas mesmas na sensação de que “minha vida não é nada”. Isso é ainda mais comum quando “num casal cujo cônjuge masculino é célebre, serão conservados os papéis do marido e não os da mulher” (PERROT, 2016, p. 22). Apesar de termos poucos textos dela, Dna. Rena escreveu relatórios para a missão, cartas, biografias do marido onde tentei sondar algo mais de sua vida, desejos, memória e história.

Também procurei trabalhar fontes ainda pouco estudadas na historiografia do protestantismo no Brasil: as fotografias divulgadas pelos missionários em seus relatórios. Especialmente faço uso das imagens divulgadas pelo casal Butler, apresentando seus aliados e fiéis da igreja, nas publicações de sua instituição nos Estados Unidos. Compreendo a imagem enquanto capaz de provocar efeitos, produtora e mantenedora de sociabilidades e identidades, e de tornar empíricos projetos de organização e atuação do poder (MENEZES, 2003, p. 15). Assim, os sentidos da produção, circulação e apropriação das imagens ultrapassam os sentidos visados pelos missionários e nos revelam facetas das suas relações sociais que não foram explicitados nas fontes escritas.

As fontes da cultura material neste trabalho compõem-se pelo mausoléu edificado junto à Igreja Presbiteriana de Canhotinho em homenagem a George Butler e a arquitetura das igrejas edificadas por ele em São Luís, Recife e Canhotinho, bem como sua localização no espaço das cidades.

O estudo da arquitetura protestante encontra como primeiro obstáculo epistemológico a própria noção protestante de que “Deus não habita em templos feitos por mãos humanas”. Decorre daí a compreensão dos fiéis e de pastores (embora na prática estes sejam zelosos com a apresentação estética e a configuração espacial dos templos) sobre a pouca importância da arquitetura na reflexão teológica ou divulgação da mensagem religiosa. Presunção aparentemente compartilhada pelos cientistas sociais estudiosos do protestantismo, os quais geralmente atribuem pouca ou nenhuma importância aos templos (suas formas externas e elementos estéticos internos), para a compreensão da experiência religiosa protestante e de sua relação com o contexto social da comunidade que os construíram.

Todavia, apesar dessa noção de que “Deus habita o coração humano”, os protestantes constroem templos. Para Abumanssur a sacralidade dos espaços protestantes passa pela mediação da vida comunitária: “Por isso o templo é entendido como um lugar de reunião de fiéis. É morada de Deus enquanto os membros de uma comunidade de fé estiverem ali reunidos para celebração e comunhão.” Segue a provocadora pergunta: “o que pode sair das mãos de um

arquiteto que constrói um espaço litúrgico cuja natureza não é sagrada?” (ABUMANSUR, 2004, p. 09).

Tomar a arquitetura como uma fonte biográfica pareceu-me assim pertinente à trajetória de George Butler que arquitetou e construiu, além das igrejas mencionadas, um hospital em estilo neoclássico na cidade de Canhotinho. O objetivo foi compreender algo sobre o papel desempenhado por George Butler na edificação de instituições protestantes no espaço público.

As fontes orais foram consideradas ao longo da pesquisa. Realizei entrevistas nas cidades onde nosso protagonista viveu: São Luís, Recife, Garanhuns e Canhotinho. Conversei com alguns fiéis da Igreja Presbiteriana e outras pessoas não pertencentes à Igreja, pessoas de diferentes classes sociais e formação educacional; geralmente conversas informais nas viagens entre Garanhuns, Canhotinho e São Bento do Una, após os cultos, nas caminhadas e refeições feitas durante a estadia no campo de pesquisa. Formalmente, entrevistei pastores, historiadores e intelectuais destas cidades.

Por fim, foi fundamental entrevistar os principais biógrafos de George Butler, David Gueiros Vieira e Edijéce Martins Ferreira⁵⁷, objetivando compreender os processos, as condições de produção e lutas de representações⁵⁸ existentes em suas escritas sobre a vida do nosso personagem.

Quando iniciei esta pesquisa, conhecia somente uma biografia sobre George Butler, a do pastor e sociólogo Edijéce Martins Ferreira, intitulada *A Bíblia e o Bisturi* publicada em 1976. No decorrer da investigação, descobri por meio da internet a biografia feita por David Gueiros Vieira, até então desconhecida no Brasil, guardada numa biblioteca universitária americana e defendida em 1960 como dissertação de mestrado em História na Universidade de Richmond, sob o título *A Historical Study of the missionary work of Dr. George W. Butler and an analysis of his influence on Brazil*. Em 2015, surgiu uma terceira biografia intitulada *O Padre Cícero Protestante* que fora publicada por Meyves Rodrigues e Emanuel Celestino, fruto de uma parceria entre pai e filha. A autora havia escrito sobre George Butler para o seu trabalho de conclusão do curso de jornalismo e o autor, sendo o atual pastor da Igreja Presbiteriana de

⁵⁷ Considero estes os principais biógrafos por terem escrito as obras mais influentes sobre o personagem. A obra de David Gueiros, embora não tenha sido publicada, foi uma das principais fontes de informação para o livro de Edijéce Martins, *A Bíblia e o Bisturi*, que alcançou maior notoriedade. Uma terceira biografia, escrita por Meyves Rodrigues e Emanuel Celestino, no que tange ao aspecto biográfico pouco acrescenta em relação à *A Bíblia e o Bisturi*.

⁵⁸ Uma inspiração desse trabalho é Chartier (1990, p. 17): “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundando na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”.

Canhotinho, é um dos principais responsáveis pela reforma do “Hospital do Dr. Butler”, onde se organiza um memorial-arquivo sobre o médico e missionário.

Estas biografias tiveram uma dupla utilidade ao longo deste trabalho. Primeiro como fontes de pesquisa, pelas informações e documentos disponibilizados como resultado da inserção social e da pesquisa de seus autores. Em segundo lugar, como objeto de análise, tomando-as como expressão e meio de divulgação de uma memória que se pretende consolidar sobre um personagem. Nesse sentido, a escrita de uma biografia, os eventos que serão narrados ou não, enfim, a imagem que se deseja construir de um indivíduo não ocorre sem escolhas adequadas para legitimar representações sociais de determinados grupos em detrimento de outros, de modo que possa intervir de alguma forma nas lutas de representações existentes no contexto específico onde um indivíduo e sua memória são retomados.

É ainda importante destacar que tive acesso a boa parte das fontes colhidas por David Gueiros em sua pesquisa sobre George Butler, graças a generosidade do pesquisador João Marcos Leitão Santos. E em pesquisa nos Estados Unidos, encontrei algumas fontes colecionadas tanto por David Gueiros quanto por Edijéce Martins, guardadas no arquivo da *Presbyterian Historical Society* (PHS).

Por fim, foi de grande ajuda também a troca de *e-mails* com a Sra. Sandy Tupper, bisneta do casal Butler, moradora da Flórida-EUA, que gentilmente respondeu à algumas perguntas e enviou-me documentos da família, não conhecidos pelos biógrafos anteriores.

O jogo de espelhos

Das três biografias citadas acima, *A Bíblia e o Bisturi* de Edijéce Martins é a mais conhecida e a que deixa claro o objetivo de exaltar o biografado para edificação dos fiéis. Esta biografia foi feita sob encomenda de uma organização eclesial, já as outras surgiram de trabalhos acadêmicos, porém não conseguiram se afastar do tom enaltecido e apologético tão comum ao gênero. Certamente, isso se explica pela proximidade subjetiva dos biógrafos ao biografado e sua herança. Para além do fato de todos os quatro autores serem religiosos, pastores ou fiéis da Igreja Presbiteriana, todos ligavam-se por fortes laços familiares à memória de George Butler, o que pode ter dificultado aos autores compreenderem de outra forma ou mesmo contra o que a memória familiar e institucional consagrava.

Não considero que este trabalho esteja isento desse obstáculo, nem que ele seja insuperável, porém é necessário pôr em evidência e problematizar minha própria relação subjetiva com o biografado.

Nasci numa família presbiteriana e cresci indo a uma igreja cujo nome “Centenário” fora dado em celebração ao estabelecimento da primeira Igreja protestante no meu estado e cidade natal (São Luís-Ma). Ao longo da minha infância, nas classes da *escola dominical*, lembro de ter ouvido poucas vezes sobre um certo doutor que teria inaugurado, cem anos antes, o templo da *Igreja Presbiteriana Central*. A primeira vez que a visitei, já pela adolescência, fiquei impressionado pela sua arquitetura. Na época, a considerei parecida com as antigas Igrejas Católicas de São Luís, mas entendi se tratar de uma igreja histórica, bem diferente das que estava acostumado a frequentar que eram, digamos, mais modernas. Essas tenras lembranças da infância e adolescência, talvez expliquem as razões subjetivas e origens mais remotas das minhas escolhas de pesquisa. Sobrevivência de curiosidades que nasceram naqueles anos: por que foi um médico o fundador da Igreja Presbiteriana no Maranhão? Por que se construiu daquela forma a fachada da igreja? Entre outras...

Todavia, se duvido dos meus próprios mitos, não preciso ir tão longe na memória e percebo que o interesse efetivo por George Butler surgiu bem mais tarde, durante a pesquisa para conclusão da graduação em História, vendo suas peripécias pelos jornais da época. Seja como for, sem dúvida, é preciso admitir que a relação biógrafo e biografado envolve afetividades e reciprocidades, onde o interesse por fazer uma biografia é em grande parte autobiográfico e se faz num jogo de espelhos.

Minha mais forte empatia com George Butler surgiu do fato dele ser um médico, um profissional liberal que dedicou sua vida a um senso de vocação para uma missão. Ele não era um pastor, nem teólogo de formação, para mim ele aparecia nas fontes como um homem de ação. Identifiquei-me com o seu trabalho como religioso leigo, unindo profissão e vocação, um “médico-missionário” a serviço do bem-estar de corpos e almas, talvez porque essa tenha sido uma aspiração na minha formação pessoal e profissional.

A minha identificação e definição de sua identidade como de um religioso leigo, com o decorrer da pesquisa, passou a ser o meu ponto de Arquimedes entre a proximidade e o distanciamento, o conhecido e a dúvida. Em que medida essa identidade de “médico-missionário” seria suficiente para descrever suas inserções e identidades nas sociedades onde viveu? Ela seria adequada para descrever aquela vida no seu tempo? O que significava ser médico? Leigo? Missionário? Enfim, confessar e pensar minhas reciprocidades com o biografado tornou-se indispensável na busca por uma postura de vigilância epistemológica e de controle das minhas predisposições, a fim de que meu desejo como biógrafo não se apropriasse da vida efetiva do biografado, impondo sobre ele minhas próprias ilusões.

No campo e no arquivo

Se por um lado a minha biografia, identidade e subjetividade são aspectos a considerar como obstáculos ou perigos epistemológicos na compreensão da vida do biografado, por outro, foram elas que me permitiram acessar uma rede de contatos com pesquisadores, instituições, líderes religiosos, fiéis das Igrejas etc. Pessoas que me receberam muito bem, facilitaram acesso às fontes, conduziram-me para entrevistas e, algumas vezes, sentiram-se suficientemente à vontade para relatar casos e fazer afirmações *in off*.

Não digo que me possibilitaram livre acesso ao seu mundo e representações, pois sempre há uma margem de ambiguidade, negociação e ocultação na relação entre informante e pesquisador, mas não foram poucas as vezes que um interlocutor ao saber que, além de historiador, eu era também evangélico ou de família presbiteriana, mudava nitidamente o tratamento de uma cortesia formal para uma certa familiaridade entre os que falam a mesma língua.

O que não é apenas força de expressão. Com efeito, o manejo de determinados códigos linguísticos e culturais do grupo social a que se está pesquisando é fundamental para uma boa acolhida e acesso do pesquisador às informações. Algo próprio da experiência do antropólogo no contato com os “nativos” de uma outra cultura, tendo que aprender a se comportar e a falar minimamente com(o) eles.

Percebi isso claramente, quando visitei as igrejas presbiterianas de Garanhuns e Canhotinho em Pernambuco, igrejas e cidades onde George Butler tem seu nome guardado. Estava ciente que meus interlocutores leriam minha identidade – e os olhares sobre mim quando entrava numa igreja confirmavam isso – antes mesmo de eu falar qualquer coisa, seja pela roupa que usava, seja por trazer ou não uma Bíblia à mão, pelos gestos que fazia durante os cultos; ou quando pronunciasse palavras, no cumprimento da chegada aos cultos, pela forma de me dirigir aos fiéis da Igreja como “irmão/irmã”. Esses códigos eram-me familiares, já os conhecia desde a infância, mas não foi tão simples quanto imaginava retomá-los, não ocorreu sem um certo embaraço.

Esforcei-me por entrar no jogo, mas muitas vezes confundia-me, por exemplo, trocando o “graça e paz” por “paz do senhor” (este cumprimento típico dos pentecostais), ou não usando o tratamento mais apropriado aos pastores presbiterianos. Explico. Na Igreja Presbiteriana, a forma correta (ou pelo menos, a mais usual) de se referir aos pastores é reverendo. De maneira que, ao me reportar ao pastor como reverendo, significava poder ser compreendido pelos meus interlocutores (os próprios pastores ou outros fiéis) como possuindo uma certa pertença ao

presbiterianismo, distinguindo-me de outros evangélicos, algo importante que pode abrir caminhos diferentes para o pesquisador.

A interação com os pastores é um capítulo à parte. Além da forma de tratamento a que me referi, foi preciso estar atento para os princípios de autoridade do grupo. Quando chegava às igrejas e perguntava por pessoas que pudessem dar informações sobre a pesquisa era logo encaminhado a conversar com o pastor. Conversávamos então, se ele desse o aval, o arquivo e as pessoas eram franqueadas, caso contrário, não haveria chance.

Nas minhas visitas aos arquivos das igrejas, descobri que eles também passavam pelo crivo daqueles que os guardam. Alguns são disponibilizados, outros não, e muitos estão inacessíveis nas mãos de pastores, presbíteros, diáconos⁵⁹ e historiadores oficiais⁶⁰. Percebi que essa apropriação privada da documentação institucional não é gratuita, pois distingue e delimita os que podem ser porta-vozes da história da Igreja (além de ser um caminho de ascensão eclesiástica), dificultando o acesso às fontes aos de fora das redes de poder institucionais. Assim, o que obtive como fonte foi o resultado de uma negociação, na maioria das vezes não confessada, no interior de um grupo religioso fortemente hierarquizado e atravessado por relações de poder, especialmente quando se trata de produzir uma memória sobre seus personagens-símbolos.

É de se esperar a necessidade de conquista da confiança de um “outro” no trabalho de campo, em uma cultura distinta da do pesquisador. Mas não deixa de ser surpreendente sentir-se nessa mesma obrigação durante a pesquisa nos arquivos.

Boa parte da minha pesquisa ocorreu em um arquivo vinculado a uma instituição religiosa, o Arquivo Histórico Presbiteriano na capital paulista. Um arquivo bem organizado, com livre acesso ao público e mantido aberto graças ao trabalho de décadas de dois pastores que atuam como curadores do arquivo. Assim, o acesso ao acervo só foi possível por intermédio deles e a construção de uma boa relação abriu caminhos de pesquisa.

Uma experiência chamou-me atenção para necessidade de uma certa sensibilidade antropológica e atenção etnográfica na relação entre pesquisadores e funcionários/administradores de arquivos de uma instituição privada, especialmente de instituições religiosas. Em algumas ocasiões, fui convidado para momentos de devocionais

⁵⁹ Os presbíteros e diáconos são categorias comuns entre grupos evangélicos, são oficiais que participam da organização e administração da igreja e do culto. Ambos têm precedência de autoridade sobre os demais fiéis, mas abaixo do pastor. Nas Igrejas presbiterianas, os presbíteros são os cargos mais importantes acessíveis aos leigos e compõem o “conselho da Igreja”, órgão que têm a autoridade máxima nas questões internas de uma Igreja local.

⁶⁰ Geralmente pastores, ou outros que ocupam cargos eclesiásticos. A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) possui o cargo de “Historiador Oficial”, algo que, extraoficialmente, pelo que percebi, reproduz-se no nível micro, em algumas igrejas e cidades.

(pequenos atos religiosos informais) em uma das salas do prédio onde fica o arquivo. Percebendo a importância desses momentos, depois de algumas recusas, decidi optar por suspender o trabalho de pesquisa e participar.

Tempos depois, numa conversa com um dos pastores curadores do arquivo, fui perguntado sobre minha pertença religiosa (parece que minha identidade se vinculava mais a de professor universitário). No que respondi sobre minha origem presbiteriana, a reação dele foi “bom agora podemos falar de certas coisas...”, logo a conversa se tornou mais confidencial e a solicitude ainda mais prestativa.

Essa experiência ilustra como o tipo de interação estabelecida é determinante sobre como as informações serão franqueadas ao pesquisador, bem como no silêncio ou ocultação delas. Dessa forma, ficou claro para mim que o diálogo com as pessoas é uma das condições da pesquisa e da própria construção do conhecimento também para o pesquisador de arquivos.

No entanto, os indivíduos nunca estão sozinhos, sempre estão enredados em grupos sociais e com tais partilham de memórias, interesses, restrições e possibilidades. Quando fiz o primeiro contato, pela internet, com um dos pastores curadores do arquivo, tratei de informar meu interesse sobre o “Dr. Butler” e solicitar a autorização para pesquisa. Dias depois, segui viagem rumo ao arquivo, imaginando que iria empreender uma verdadeira caçada numa floresta de documentos, mas com pouquíssimas pistas. E qual não foi minha surpresa ao chegar e ver à mesa de trabalho uma pasta intitulada “Dr. George W. Butler”, contendo vários papéis datilografados e recortes de jornais?!

Com essa feliz facilidade, surgia também a preocupação sobre a produção daquele arquivo: quem o fez? Quando? Por quê? Perguntas que nem mesmo os que trabalhavam ali a vários anos souberam responder. Fui informado que haviam outras pastas como aquela, designadas com outros nomes de personagens da história presbiteriana no Brasil. Uma primeira precaução, então, foi tomar para análise essa produção de arquivo como forma da instituição condicionar novas pesquisas sobre personagens que ela deseja perpetuar. Assim, em meio aos condicionamentos da pesquisa, passei a questionar-me sobre a memória institucional a respeito de George Butler, seus usos e reelaborações ao longo do tempo.

Essa dimensão intersubjetiva da prática da pesquisa levou-me a considerar e expor o processo de construção do conhecimento, o qual voltarei ao longo da narrativa. Ele não ocorreu numa mente solitária do pesquisador/autor, isolado em suas fontes, anotações de campo e teorias, mas num processo o qual me encontrei com indivíduos com suas visões de mundo, enredados em malhas de poder, pertencentes a grupos sociais, fidelidades religiosas e que,

conforme sua leitura da minha identidade e interesses, partilhavam ou não informações e representações sobre o objeto a qual eu investigava.

A estrutura

Como dito anteriormente, procurei um George Butler humano, não um herói, não um mito, nem vilão, mas um homem vivendo as questões do seu tempo e dando as soluções disponíveis nas sociedades e culturas pelo qual transitava e construía. Entretanto, não tive a ambição de uma biografia definitiva, se é que isso seja possível, afinal como questiona Momigliano, “os historiadores serão um dia capazes de enumerar os incontáveis aspectos da vida?” (apud LEVI, 2005, p. 168). Sinceramente, não creio. Busquei também fazer uma narrativa não aferrada à ordem cronológica dos acontecimentos, mas correlacionando diferentes fatos, tempos e espaços, percebendo diferentes faces do personagem (o polemista, o médico filantropo, o arquiteto). Dessa forma, a trajetória ganhou maior espaço na narrativa, mas sem descuidar da memória construída sobre o personagem e de seus usos por diferentes grupos sociais no interior do grupo protestante.

Pensar a trajetória em articulação com uma análise da memória foi também uma forma de desembaraçar melhor o personagem histórico das camadas de representações sociais e institucionais acumuladas e consagradas, principalmente, pelas biografias anteriores. Representações que, muitas vezes, condicionam as memórias dos entrevistados, ou mesmo nossa leitura das fontes e nos impedem de alcançar a feição de uma vida humana, de nos aproximar de um sujeito histórico, de carne e osso e não de um monumento.

Entremeando o biográfico e a memória optei por organizar o trabalho em cinco capítulos, na qual espelham, mais ou menos, o curso do meu processo de pesquisa e não o contar a história de uma vida com início, meio e fim. Nesse aspecto, concordo, com Vavy Pacheco Borges (2014, p. 218) quando considera que “as melhores biografias são aquelas em que o autor não só não se esconde, mas constrói a narração de certa forma acompanhando seu percurso de pesquisa.”

Assim, parti do que me era mais conhecido e inquietante: a memória consagrada de George Butler e sua monumentalização por meio de um mausoléu na cidade de Canhotinho. Este monumento foi o foco do primeiro capítulo, tomando-o como o indício da construção da memória deste personagem. Os três capítulos seguintes questionaram essa memória consagrada, apresentando uma trajetória que foi muito mais múltipla, contraditória e fragmentada, bem como buscaram compreender o papel deste indivíduo na mudança social. Por fim, o último capítulo retorna ao tema da memória, analisando como essa vida plural foi objeto

de seleções, condicionamentos da memória e de reelaborações de sentido. O objetivo foi atentar para as disputas no interior do grupo protestante pela memória de seus pioneiros, sendo George Butler um desses personagens selecionados e (re)apropriados para expressar diferentes projetos de intervenção e de relação da religião protestante com a sociedade brasileira.

O primeiro capítulo trata da interpretação do monumento conhecido como “Mausoléu do Dr. Butler”, onde hoje se opera uma “fusão memorial” entre Né Vilella e George Butler. Em vista disso, foi necessário considerar um acontecimento chave que cruzou definitivamente as duas trajetórias e foi fundamental na construção da memória de George Butler: a cerimônia de sepultamento dos restos mortais de Né Vilella na base do púlpito da Igreja Presbiteriana de Canhotinho, em julho de 1915. Confrontando e analisando diferentes narrativas deste sepultamento, realizei uma etnografia do ritual a fim de revelar algo sobre a vivência da fé naquela comunidade protestante, bem como entender o papel do Butler no processo de tradução de uma fé estrangeira ao universo cultural e religioso dos seus fiéis do interior pernambucano. Por fim, procurei compreender de que maneira o novo sepultamento de Né Vilella pode ser interpretado como uma forma indireta do nosso biografado perpetuar a própria memória.

O segundo capítulo apresenta um George Butler polemista, envolvendo-se em controvérsias com clérigos católicos e outros pelos jornais do Maranhão antes da proclamação e em Pernambuco no início da era republicana. Compreendo essas controvérsias públicas entre protestantes e católicos como parte de um debate social mais amplo, na qual participam diversos agentes (republicanos, liberais, positivistas, ultramontanos, maçons) pondo em questão um aspecto sensível e indefinido naquele momento, o processo de separação entre Igreja e Estado. As ideias e posicionamentos de Butler são pensados no fluxo de um diálogo/embate com esses outros agentes. Em meio a leitura nos jornais da linguagem teológica mobilizada pelos agentes sociais, duas questões emergiram: 1) Teria o nosso biografado alguma participação no processo macro de redefinição político-legal da separação Igreja-Estado? 2) Seria o discurso protestante de ampliação da liberdade religiosa, uma arguciosa forma de lutar pelo controle religioso da esfera pública?

No terceiro capítulo, o foco da análise volta-se para a atividade médica de George Butler. Os significados do ser médico no Brasil e a força da noção católica de caridade na alvorada republicana permitem uma análise do como e porquê nosso personagem dedica-se a construir sua identidade como um “médico-missionário”, um abnegado, filantropo, humanitário nos sertões do Nordeste. Todavia além de amigo dos pobres e desvalidos, o médico e missionário cultivou laços com os coronéis em um ambiente de carências médico-sanitárias e do afã modernizador advindo com os investimentos anglo-saxões na região. Nesse sentido,

podemos nos perguntar se ao construir sua fama e estabelecer relações com os poderosos locais, George Butler produziu outros sentidos para a legitimidade religiosa do protestantismo numa região de secular tradição católica. Para isso, auxiliou-me as fontes iconográficas que foram úteis aos projetos de Butler, bem como tornavam visível o serviço social da Igreja protestante possibilitando a esta requerer, tal qual a Igreja Católica, um tratamento privilegiado por parte dos agentes do estado republicano.

O quarto capítulo propõe uma análise da arquitetura como fonte para a biografia. George Butler construiu templos (São Luís, Recife, Canhotinho) além de escola e hospital em Canhotinho. A investigação compreende também o espaço urbano onde ele escolheu construir. A relação entre o espaço arquitetônico/urbano e a esfera pública em disputa entre protestantes e católicos na transição da República é o eixo que orientou minha incursão pela topografia e arquitetura. Num outro aspecto, a narrativa sobre essas construções oportunizou pensar mais detidamente a relevância do papel de Dna. Rena como sustentadora do trabalho público de George Butler por meio da exportação de orquídeas. Por fim, discuto o recente investimento na memória patrimonial com a reforma e restauração do “Hospital do Dr. Butler”, em Canhotinho, com seus sentidos e usos.

No quinto capítulo, analiso as primeiras biografias sobre George William Butler, uma escrita por David Gueiros, *A Historical Study of the missionary work of Dr. George W. Butler and an analysis of his influence on Brazil* de 1960, e outra, de Edijéce Martins, *A Bíblia e o Bisturi* de 1976. Estas obras são as principais fontes de representações sobre a vida de George Butler. Assim, suas perspectivas serão examinadas compreendendo as injunções conjunturais de cada obra e as representações da memória que elas difundem ou constroem, ou seja, a análise volta-se para as lógicas das representações sociais dessa memória e dos esquecimentos que lhe são inerentes. Nesse sentido, levanto duas questões: Qual o lugar desse personagem na memória dos protestantes/presbiterianos e na história do protestantismo? E de que modo a sua biografia foi construída e (re)apropriada pela memória institucional para legitimar projetos de intervenção no espaço público?

Ainda que sendo um gênero de “grandezas e misérias” do ponto de vista epistemológico, a biografia foi a opção que fiz para aliar a perseguição pelo conhecimento histórico com a ambição de tornar a história mais próxima da vida das pessoas, seja daquelas que viveram no passado ou daquelas que lerão esta história algum dia. Assim, para mim, escrever uma biografia foi (re)aprender a “fazer história”, pois ao pesquisar, interpretar e narrar uma vida tentava conjugar pensamento científico à intuição e *insights* humanistas. Ou falando de forma mais

peçoal, foi um jeito de conhecer mais de mim mesmo, tentando compreender a trajetória de um outro. Que essa seja uma experiência possível também para os leitores!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre me surpreendeu a forma aparentemente contraditória como dois mestres do ofício de fazer história descreveram sua arte. O primeiro é Marc Bloch relembrando uma frase lapidar dita pelo amigo e historiador belga Henri Pirenne: “Se eu fosse antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida” (BLOCH, 2001, p. 65). O segundo é Michel de Certeau: “A escrita [da história] põe em cena uma população de mortos”. De um lado a defesa de uma atitude do historiador atenta à vida, de outro o desejo de re(a)presentar ao mundo, pela escrita da história “no decorrer de um itinerário narrativo”, uma galeria de mortos (CERTEAU, 2011, p. 108).

A ideia do historiador como uma figura limiar entre a vida e a morte é, para mim, um dos maiores encantos deste ofício, mas não é uma imagem tranquilizadora. Sem dúvida, um dos tesouros da História encontra-se realmente aí, na tensão entre a vida e a morte, e na possibilidade de aprendermos com ambas. Nesse ponto – das ideias, das práticas e dos afetos humanos dispostos no tempo e com os quais somos capazes de nos identificar (ou a reconhecê-los como nossos, ainda que os estranhando) – talvez, mais do que de uma linguagem racional, analítica, objetiva, precisamos de metáforas, de uma linguagem que nos abra a visão e as possibilidades para pensar os significados dessa fronteira.

Uma inspiração, nesse sentido, foi um conto de Ítalo Calvino. Trata-se de uma das suas fantásticas *Cidades Invisíveis*. Rica metáfora, cheia de imagens e implicações sobre o diálogo entre os vivos e os mortos e as intervenções desse místico mediador: o historiador. Conta-nos Calvino que

Não existe cidade mais disposta a aproveitar a vida e evitar as aflições do que Eusápia. E a fim de que o salto da vida para a morte seja menos brusco, os habitantes construíram no subsolo uma cópia idêntica da cidade. Os cadáveres, dessecados de modo que os esqueletos restem revestidos de pele amarela, são levados para baixo e continuam a cumprir antigas atividades. (CALVINO, 1990, p. 101)

Os momentos de diversão são os preferidos, mas há todas as profissões e comércios da Eusápia dos vivos, “ao menos os que os vivos realizaram com mais satisfação do que aborrecimento”. Há, claro, muitos dos vivos que “pedem para depois da morte um destino diferente do que lhes coube em vida”, daí terem mais bem-sucedidos na cidade mortuária, desde caçadores de leões a generais, do que jamais houve na cidade vivente. Deve-se a uma confraria de encapuzados a tarefa de “acompanhar os mortos para baixo e instalá-los no lugar desejado”,

ninguém mais tem acesso a Eusápia dos mortos e tudo que se sabe de baixo é por intermédio deles (CALVINO, 1990, p. 101, 102).

Não só o mundo subterrâneo, como a própria confraria é envolta em mistérios:

Dizem que a mesma confraria existe entre os mortos e que não deixa de lhes dar uma ajuda; após a morte, os encapuzados continuarão com o mesmo ofício também na outra Eusápia; fazem crer que alguns deles já morreram e continuam a ir de cima para baixo. Claro, a autoridade dessa congregação sobre a Eusápia dos vivos é muito ampla. (CALVINO, 1990, p.102)

O mais interessante é que a Eusápia de baixo está sempre em mudança, “os mortos apresentam inovações em sua cidade; não muitas, mas certamente fruto de uma reflexão ponderada, não de caprichos passageiros”. Obviamente os vivos não querem ficar para trás e procuram fazer tudo o que os encapuzados contam das novidades dos mortos. “Assim, a Eusápia dos vivos começou a copiar a sua cópia subterrânea”. Porém, “dizem que não é só agora que isso ocorre: na realidade, foram os mortos que construíram a Eusápia de cima semelhante à sua cidade. Dizem que nas duas cidades gêmeas não existe meio de saber quem são os vivos e quem são os mortos”. (CALVINO, 1990, p.102)

Por que terminar este trabalho com uma enigmática metáfora literária? Por que a pesquisa sobre uma vida e o esforço de d(es)crevê-la conclui-se com a fantástica Eusápia? O que a trajetória e a memória de George Butler dizem respeito às duas cidades, dos vivos e dos mortos?

Porque esta foi a forma de reconhecer que por mais que eu procurasse encontrar uma vida, sempre me deparava com uma memória. Ao final do caminho de pesquisa e de sua escrita, compreendi que alcançar um George Butler real é uma ambição impossível. Por um lado, porque o sujeito histórico é sempre mais profundo, complexo, confuso, em suma, mais humano do que qualquer investigação histórica possa alcançar – o vivido é irrecuperável. Por outro, porque uma vida sempre nos alcança – quaisquer que sejam os documentos – como monumento (LE GOFF, 2013). Na verdade, o que encontramos, os fragmentários rastros de uma existência e de uma subjetividade estão sempre mediados pela memória que se deseja perpetuar de uma vida, e neles enfeixam-se relações de poder.

A começar pelo próprio sujeito, que se esforça por definir sua identidade social em meio a coerções e possibilidades em constantes mudanças; e que ainda em vida procura estabelecer sua própria memória no pós-morte (o seu *status* na Eusápia dos mortos, certamente desejando uma posição melhor do que gozou em vida). Tarefa completada pelos mediadores entre os dois

mundos, aqueles que de fato estabelecem o morto no mundo da memória, que tem o acesso privilegiado a ela, e que falam aos vivos como anda a vida dos que já não estão entre eles.

Não estaria essa fala dos encapuzados sobre as inovações do mundo dos mortos plena das pressões do presente e ansiedades quanto ao futuro oriundas do mundo dos vivos? Esta confraria de encapuzados, artesões de uma necrópole e narradores da vida do além, não são eles uma metáfora apropriada para historiadores e biógrafos? Afinal, no que diz respeito à construção de uma biografia, estabelecer e consagrar uma vida póstuma, é possibilitar um espaço “em que mortos e vivos dialogam por meio das heranças dos primeiros e das carências dos segundos” (SILVA, 2016, p. 27).

George William Butler teve uma vida – uma experiência social, subjetiva, intersubjetiva – viveu no seu tempo. Foi um sujeito que se serviu dos recursos que possuía, das oportunidades que surgiam, das relações sociais que granjeava, tentando negociar ante as coerções sociais e institucionais para levar a efeito a sua ação, seus sonhos; buscando viver com sua família, o melhor possível, no entre-meio de sociedades diferentes (norte-americanas e brasileiras), de culturas estranhas (a sua e a dos outros, seus “nativos”); procurando modificar essas culturas pela religião, mas também sendo modificado por elas em sua própria fé e prática da fé; vivendo em meio às crises de epidemias, conflitos políticos, choques intra-eclesiásticos, violências sofridas e lembranças cultivadas.

Mas também foi um agente social, que construiu e reconstruiu sua identidade. Como um agente de uma missão protestante atuou pela ampliação da liberdade e igualdade religiosas, contribuiu diretamente na reconfiguração do espaço público por meio dos debates pela imprensa e das ações que desempenhou na conjuntura de lutas políticas e da crise que marcou a definição das leis de laicização do Estado, ensaiadas nos primeiros dias da República no Maranhão. No interior pernambucano, transmutou-se de missionário a médico, reelaborou os sentidos da presença protestante naquelas regiões, redefinindo a importância social do protestantismo pela noção de caridade, à época, legitimadora da atuação das religiões no espaço público. Arquetou solidificar a presença protestante. Em muito, graças ao trabalho da esposa, Rena Butler, com a exportação de orquídeas, construiu igrejas, hospital e escola em contextos onde esses edifícios tinham um manifesto sentido de disputa com a Igreja Católica pela hegemonia no espaço público urbano. Procurou, por fim, legar à posteridade sua própria memória de coragem, abnegação e caridade expressos nos edifícios que construiu. Como também, ao vincular-se à imagem do martírio de Né Vilella, apropriou-se da áurea daqueles que se entregaram de corpo e alma a sua missão.

George William Butler teve uma vida. Ele mesmo não se descuidou da memória dessa vida, mas vimos que as linhas mestras de sua narrativa foram dadas por outros. Para além dos seus próprios desejos de vida no pós-morte, coube a seus biógrafos (estes esotéricos encapuzados) construir George Butler à “imagem e semelhança” das questões e anseios de seus contextos históricos, das lutas ideológicas e eclesiásticas do tempo de produção de suas obras. Alteraram a memória legada por ele próprio, de uma abnegado missionário e humanitário médico, produziram uma memória oficial, institucional e, por fim, uma memória coletiva, suficientemente plástica para incorporar as pressões das lutas ideológicas.

Às memórias legadas por George Butler sobrepuseram-se outras representações: a de um herói civilizador por meio da protestantização dos sertões incautos, influenciador de gerações de intelectuais e líderes políticos em prol da melhoria moral da nação, seguida por representações concernentes a um novo modelo de agente eclesiástico, um modelo sacerdotal preocupado com a salvação das almas e, ao mesmo tempo, interessado em minorar os sofrimentos do corpo daqueles a quem evangeliza.

A memória da vida de George Butler, pela escrita de seus narradores foi sobretudo ortodoxa. Ele foi elevado ao panteão institucional e a um lugar de destaque na história do protestantismo brasileiro por ter sido forjado como um modelo adequado à manutenção da ortodoxia protestante, em um ambiente de severas críticas quanto às ações das missões estadunidenses – que foram caracterizadas como alienantes (quanto aos problemas sociais) e insensíveis (quanto as características culturais do povo) – no Brasil e América Latina.

Pelas narrativas dos biógrafos, George Butler tornou-se mais que um indivíduo, tornou-se um personagem-símbolo de uma concepção conservadora da missão protestante. Ele foi re(a)presentado como um vida póstuma, ainda atuante em uma outra temporalidade – em meio a conflitos de diferentes projetos (fundamentalistas, ecumênicos e evangélicos) de intervenção na sociedade –, chamado a servir pela manutenção da identidade protestante e pela concepção ortodoxa de sua intervenção no espaço público, ou seja: a conversão e moralização dos indivíduos, seguida pela assistência aos pobres, mas politicamente acríica (logo, útil e, não raro, explicitamente aliada) às estruturas de poder político e econômico.

Sair dessa memória institucional e dessa elaboração “ortodoxa” de uma vida não é tarefa simples. Ela exige a explicitação do vínculo social do biografado (das suas condições de vida, de suas amizades/inimizades e de seus projetos), a fim de restituir ao sujeito que estudamos o direito de falar de si, dando relevo a sua própria representação do vínculo social e de sua contribuição a esse vínculo como agente tentando compreender a si mesmo e a seu mundo. Foi o que procurei fazer, mas não posso duvidar de que minha própria escrita (que se deseje) crítica

não possa ser incorporada pela lógica da memória oficial, e venha a contribuir, ainda que não intencionalmente, como mais um entalhe à obra de monumentalização desse personagem.

Portanto, a escolha em concluir este trabalho com a metáfora das Eusápias gêmeas é também uma maneira de me reconhecer envolto nessas teias da memória e do poder. Pois, se o desejo dos vivos movimenta a cidade dos mortos em busca de uma condição melhor, assim também as inovações da cidade dos mortos mobilizam a cidade dos vivos. Mas nisso não há surpresa, pois como revelou Ítalo Calvino, na verdade, nem mesmo se sabe plenamente quem são os vivos e quem são os mortos.

Realmente é difícil saber se foi a vida de George Butler que criou sua memória, ou foi sua memória que construiu sua vida (pelo menos, aquela que os rastros do tempo e as narrativas dos biógrafos nos permitem alcançar). Nesta tensão das influências recíprocas, entre os vivos e os mortos, a trajetória e a memória, percebo-me como um historiador (ou aprendiz de feiticeiro, da confraria dos encapuzados) tentando revelar uma vida enquanto desconstruo um mito, procurando mobilizar um novo olhar sobre o passado e, quem sabe, também sobre o futuro.

Chegar a este ponto da minha busca por uma biografia e sua memória sem ter certeza sobre como distingui-las pode não ser uma confissão recomendável. Todavia se não consegui pelo que pesquisei e escrevi sobre o George Butler vivo desembaraçá-lo nitidamente do George Butler morto, isto é, da sua memória consagrada, espero, ao menos, ter contribuído para mobilizar o seu cadáver, movê-lo um pouco da posição na qual ele e outros o estabeleceram na cidade dos mortos, e que isso gere alguma curiosidade na cidade dos vivos.

FONTES

Documentos Eclesiásticos

- Atas da Igreja Presbiteriana de Canhotinho (1920-1950) – Arquivo IPC e Memorial Dr. Butler.
- Atas da Igreja Presbiteriana de Recife (1888-1900) – Arquivo SPN.
- Atas da Igreja Presbiteriana Independente de São Luís (1903-1920) – Arquivo da IPI-São Luís.
- Atas da Igreja Presbiteriana Maranhão (1898- 1902) – Arquivo Presbiteriano (SP).
- Atas da Igreja Presbiteriana Maranhão (1903-1936) – Arquivo Pr. João Déça.
- Atas da North Brazil Mission (1884-1898) – Arquivo PHS.
- Atas do Presbitério de Pernambuco (1920-1930) – LIBER-UFPE.
- Correspondências: Bispo Diocesano/Presidente da Província (1878-1901) – APEM
- Digesto Presbiteriano, 1951-1960, 53-002; Digesto Presbiteriano, 1951-1960, SC-54-161; Digesto Presbiteriano, CE 55-103 – Arquivo Presbiteriano (SP)
- Fichas de membros IPC – Memorial Dr. Butler
- Livro de Atas da Santa Casa da Misericórdia do Maranhão – APEM.
- Livro de Registros Gerais da Câmara Eclesiástica (1877-1895) – APEM
- Minutes of Presbytery of Maryland (1877-1911) – Arquivo PHS.
- Seminários (1872-1897) – APEM

Documentos Diversos

- Carta de Rena Butler a David Gueiros, escrita de Charlotte, Carolina do Norte, em 2 de março de 1952 – Arquivo de David Gueiros Vieira.
- Carta de Rena Butler a David Gueiros, escrita de Charlotte, Carolina do Norte, em 11 de fevereiro de 1952 – Arquivo de David Gueiros Vieira.
- Dr. George Butler by Mrs Butler, s/d, RG 360, series III – Arquivo da PHS.
- Livro de registro geral de patentes; títulos; diploma; portaria passados por D. Pedro II (1881-1885) – APEM.
- Pasta Dr. George Butler, correspondence, notes, and other material related to A Biblia e o Bisturi. RG 496-15-4 – Arquivo PHS.
- Pasta George Butler – Arquivo Presbiteriano(SP)
- Pasta Secretaria de Polícia. Delegados de Polícia de diversos municípios/Chefe de Polícia. Delegacia de Polícia de Rosário, 29 de agosto de 1890 – APEM.

Jornais e outros periódicos

- Brasil Presbiteriano, abr. 2015; Brasil Presbiteriano, 15 de maio de 1978; Brasil Presbiteriano, janeiro de 1996; Brasil Presbiteriano, agosto de 1970 – Arquivo Presbiteriano (SP)
- Civilização, 18 de junho de 1881; Civilização 7 de julho de 1888; Civilização, 26 de março de 1887; Civilização, 02 de abril de 1887; Civilização, 26 de março de 1887; Civilização, 10 de setembro de 1887; Civilização, 16 de abril de 1887; Civilização, 13 de agosto de 1887; Civilização de 02 de abril de 1887; Civilização, 4 de janeiro de 1890; Civilização, 13 de agosto de 1887 - Arquivo da BPBL e Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- Diário de Pernambuco de 30 de agosto de 1892; Diário de Pernambuco, 06 de novembro de 1895; Diário de Pernambuco, 09 de Março de 1950 – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

- Diário do Maranhão, 13 de agosto de 1890; Diário do Maranhão, 20 de setembro de 1890 – Arquivo da BPBL.
- Gazeta de Notícias Gazeta de Notícias, 30 de janeiro de 1890; Gazeta de Notícias, 28 de janeiro de 1890 – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional
- Jornal do Comércio, 11 de junho de 1919; Jornal do Comércio, 28 de maio de 1919 – Arquivo da Fundação Joaquim Nabuco.
- Jornal do Recife, 19 de fevereiro de 1898; Jornal do Recife 14 de novembro de 1895 – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- Norte Evangélico, 13 de março de 1909; Norte Evangélico, 2 de abril de 1910; Norte Evangélico, 10 de abril de 1915; Norte Evangélico, 10 de junho de 1915; Norte Evangélico de 10 de agosto de 1915; Norte Evangélico, 25 de junho de 1919 – LIBER-UFPE; Arquivo Presbiteriano(SP)
- O Estandarte, 05 de março de 1898; O Estandarte, 07 de agosto de 1902 O Estandarte, 28 de novembro de 1918; O Estandarte de 31 de janeiro de 1901; O Estandarte de 05 de setembro de 1918. O Estandarte, 12 de junho de 1919. O Estandarte, 19 de março de 1898. O Estandarte, 31 de outubro de 1951. Disponível em:< <https://goo.gl/fTLvue> >. Acesso em mar. 2017.
- O Globo de 27 de novembro de 1889; O Globo, 20 de dezembro de 1889; O Globo, 26 de novembro de 1889; O Globo, 7 de dezembro de 1889; O Globo, 23 de dezembro de 1889; O Globo, 28 de dezembro de 1889; O Globo, 8 de janeiro de 1890; O Globo, 29 de outubro de 1889 – Arquivo da BPBL e Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- O Paiz, 17 de junho de 1885; O Paiz, 18 de junho de 1885; O Paiz, 26 de maio de 1885; O Paiz, 11 de junho de 1887; O Paiz, 19 de março de 1887 – Arquivo da BPBL e Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- O Púlpito Evangélico, nº4, 1874 – Arquivo CEDAP – Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa.
- Ordem 22 de agosto de 1913 – Arquivo Público Pernambuco Jordão Emerenciano.
- Pacotilha, 14 de março de 1887; Pacotilha, 16 de março de 1887; Pacotilha, 17 de abril de 1887; Pacotilha, 24 de março de 1888; Pacotilha, 23 de julho; Pacotilha, 02 de julho de 1887; Pacotilha, 03 de agosto de 1887. Arquivo da BPBL e Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- The Missionary (1873-1911) – Arquivo PHS.
- The Missionary e The Missionary Survey (1888-1916, avulsos) – Arquivo Presbiteriano(SP) Paulo.
- The Missionary Survey (1911-1922) – Arquivo PHS.
- The Presbyterian Survey, março de 1952 – Arquivo PHS.

Obras Raras e folhetos

- BUTLER, George William. **Do emprego do chloroformio na cirurgia**. Faculdade de Medicina e de Pharmacia da Bahia, Salvador, 1996.
- Henderlite, George. **A missionary who could do all things and was always content**. [1919?].
- MARQUES, Astolfo. **A Nova Aurora**: novela maranhense. Tipografia Teixeira, 1913.
- PEDAVOLI, Celestino. **Mais um trunfo do catolicismo sobre o protestantismo. Polêmica religiosa do Frei Celestino de Pedavoli com o sr. Ministro da seita protestante, George Butler**. [1898 ou 1899].
- ROCHA, João G. da (Org.). **Salmos e Hinos**. Propriedade a Igreja Evangélica Fluminense, 1899.

- WILLIAMS, Henry F. **In Brazil**: the brazil missions of the Presbyterian Church in the United States. Richmond, Va. ; Texarkana, Ark-Tex: Presbyterian Board of Publication, 1917.

Entrevistas

- Entrevista com David Gueiros Vieira, nov. 2015.
- Entrevista com Edijéce Martins Ferreira, jan. 2016.
- Entrevista com Mons. Alexandre Castanha, dez. 2016.

REFERÊNCIAS

- ABUMANSUR, Edin Sued. **As moradas de Deus**: arquitetura de Igrejas Protestantes e Pentecostais. São Paulo: Novo Século, 2004.
- ALCHORNE, Murilo de Avelar. **Porto do Recife**: d'África à des'África: Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre e Mário Sette sobre Raça e Urbanização, no Recife de *Belle Époque*. Estudos de Sociologia [online]. vol. 2, n. 20. Recife, 2014.
- ALMEIDA, Adroaldo J. S. **O anjo reificado**: sentidos do carisma e do poder na Igreja Evangélica Brasileira. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais), Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2005.
- _____. **Da Terra ao Céu**: a trajetória de um maranhense que virou anjo. São Luís: EDUFMA, 2008.
- _____. **Pelo Senhor Marchamos**: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2016
- ALMEIDA, Baptista de e SIQUEIRA, Cicero. **O Centenário da Independência em Canhotinho**. Recife: Imprensa Industrial, 1922.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro**: escravidão, império, religião e papel feminino. São Paulo: Hagnos, 2014
- ALMEIDA, Vasni de. **Religião e educação**: práticas de converter e de ensinar dos Metodistas no Brasil. Curitiba: Editora Prismas, 2015.
- ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1979.
- _____. **Religião e repressão**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ARAÚJO, João Dias. **Inquisição sem fogueiras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1982.
- _____. Memória da década de 1960. In: ROSA, Wanderley Pereira da; ADRIANO FILHO, José (orgs.). **Cristo e o processo revolucionário brasileiro**: a conferência do Nordeste 50 anos depois. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. Alguns Ritos Mágicos. In: **Revista do Arquivo Municipal**, v. CLXI, Departamento de Cultura, São Paulo, 1958.
- _____. **Medicina rústica**. 3ª ed. São Paulo: Nacional, 1979.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- ASAD, Talal. **Formations of the Secular**: Christianity, Islam, Modernity. Stanford: Stanford University Press, 2003.
- AZZI, Riolando. Elementos para uma história do catolicismo popular. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, n. 36, fasc. 41, 1976a.
- _____. D. Antonio Macedo Costa e a posição da Igreja do Brasil diante do advento da República em 1889. In: **Síntese**, vol. 3, n. 8, 1976b.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

- BANDEIRA, Abderval P. **Igreja Presbiteriana de São Luís: um século de lutas e vitórias-subsídios históricos.** São Luís, 1986.
- BARROS, Roque Spencer M. de. Vida Religiosa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org). **História Geral da Civilização Brasileira.** Brasil Monárquico: declínio e queda do Império. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BEACH et. al. **Protestant Missions in South America.** New York: Student Volunteer Movement, 1900.
- BEAR, James. **Mission to Brazil.** EUA: Board of World Missions, Presbyterian Church U. S, 1961.
- BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** Trad.: José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e Misérias da Biografia. In: PINSKY, Carla B. (org.) **Fontes Históricas.** 3ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- BEATO, Joaquim. A Conferência do Nordeste 50 anos depois (1962-2012). In: ROSA, Wanderley Pereira da; ADRIANO FILHO, José (orgs.). **Cristo e o processo revolucionário brasileiro: a conferência do Nordeste 50 anos depois.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- BERTOLLI FILHO, Claudio. **História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950.** [on line] Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- BITTENCOURT F., José. **As seitas no contexto do protestantismo histórico.** In: LANDIM, Leilah (org.). Sinais dos tempos: igrejas e seitas no Brasil. Cadernos do ISER, nº21, Rio de Janeiro: ISER, 1989.
- _____. ISAL e seu contexto – um ensaio. In: ROSA, Wanderley Pereira da; ADRIANO FILHO, José (orgs.). **Cristo e o processo revolucionário brasileiro: a conferência do Nordeste 50 anos depois.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas, SP: Papius, 1996a, 74-82.
- BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas, SP: Papius, 1996b, 137-156.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas linguísticas.** São Paulo: EDUSP, 1996c.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do sagrado: estudos de religião e ritual.** São Paulo: Paulinas, 1985.
- BREPOHL, Marion. Estado laico e pluralismo religiosa. In: **Estudos de Religião**, v. 30, n. 1, São Paulo, jan.- abr. 2016, p. 127-144.
- BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo brasileiro em época de transição.** São Paulo: Edições Loyola, 1974.
- BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos**, 1997.
- CAMARGO, Candido Procópio (org). **Católicos, Protestantes, Espíritas.** Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

CAMÊLO, Julia Constança Pereira. **Ocultar e preservar**: a saga da civilidade em São Luís do Maranhão. Tese (Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, n.67. p. 100-115, 2005.

_____. Os “Dois Caminhos”: observações sobre uma gravura protestante. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 12, n.34, abr./jun. 2014. p. 339-381.

_____. **Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira**: católicos e evangélicos entre 1940-2007. Revista de estudos da Religião, dezembro de 2008, p. 9-47. Disponível: < http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.htm>. Acesso em 23 de julho de 2015.

_____. Ecos da “Guerra de Canudos” em dois Jornais Protestantes de São Paulo (1896-1897). **Estudos de Religião**, v. 31, n.1, jan./abr., 2017, p. 37-59.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

_____. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**. Vol 40. Nº 2. Rio de Janeiro, 1997.

CARVALHO, Marcone B. Antonio Gouvea Mendonça. **Brasil Presbiteriano**. julho de 2014. Série Historiadores Presbiterianos. Disponível em: <https://issuu.com/juninhonoiz/docs/bp_716_julho_2014-final/15?e=3404691/8682947>. Acesso: em maio de 2016

CARTROGA, Fernando. *O culto dos mortos como uma poética da ausência*. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 12, n. 20, jan.-jun., 2010, p. 163-182.

CASIMIRO, Arival Dias. **O discurso presbiteriano**: a teologia de Princeton e sua influencia na formação dos pastores nordestinos. Ciências da Religião-História e Sociedade. Ano 1, n. 1, 2003.

CAVALCANTI, Henrique Soares. **Quem é o dono da república em Pernambuco?** Disputas de poder e o governo Barbosa Lima (1889-1896). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

CESAR, Waldo. **Protestantismo e Imperialismo na América Latina**. São Paulo: Vozes, 1968.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

_____. **Para uma sociologia do Protestantismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHAMON, Carla S. **Escolas em reforma, saberes em trânsito**: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____, Carla Simone. **Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: trajetória profissional de uma educadora (1869-1913)**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CINTRA, Sebastião Soares. **Inocentes e Culpados no Tribunal do Juri de São Bento**. Coleção Tempo Municipal-8. Recife: Centro de Estudos de História Municipal, 1986.
- CINTRA, Ivete de M.; PAIVA, Adalberto; FIRMINO, Pe. João. **São Bento do Una: formação histórica**. Recife: Centro de Estudos de História Municipal FIAM, 1984.
- CORTEZ, Natanael. **Os dois Tributos: a César e a Deus**. Recife: Livraria Gráfica Ediprés, 1965.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 5ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.
- COSTA, Veloso. **Medicina, Pernambuco e Tempo**. Recife: Fundação do desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco, 1981.
- COUTINHO, Sérgio Ricardo. **O Ex-padre: a trajetória política e religiosa de Victor Coelho de Almeida (1879-1944)**, Brasília, Ed. SER, 1999.
- _____. Para uma história da Igreja no Brasil, os 30 anos da Cehila e sua contribuição historiográfica. In: SIEPIERSKI, Paulo D. e GILL, Benedito M. (Orgs.). **Religião no Brasil, enfoques, dinâmicas e abordagens**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CUNHA, Luiz Antonio. **A Educação Brasileira na Primeira Onda Laica: do Império à República**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DELLA-CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DIAS, Zwinglio M. O protagonismo dos evangélicos durante os “anos de chumbo” e a busca incessante por uma “ecclesia reformata...”. In: ROSA, Wanderley Pereira da; ADRIANO FILHO, José (orgs.). **Cristo e o processo revolucionário brasileiro: a conferência do Nordeste 50 anos depois**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- EISENBERG, Peter L. **Modernização sem mudança: a Indústria açucareira em Pernambuco (1840-1910)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1977.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 3ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2001.
- FERREIRA, Edijéce M. **A Bíblia e o Bisturi**. 2 ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1987.
- _____. **De Deus e dos homens: história da Igreja Presbiteriana da Madalena**. Recife: AGN-Gráfica, 2007.

FERREIRA, Júlio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**. v.1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.

FLORES, Elio Chaves. A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida N. (Org.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente (1889-1930)**. vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FRAGOSO, Frei Hugo. O apaziguamento do povo rebelado mediante as missões populares, Nordeste do II Império. In: SILVA, Severino Vicente (org.). **A Igreja e o controle social nos sertões nordestinos**. São Paulo: Paulinas, 1988.

FONSECA, Silvano Cordeiro. **SPN: você faz parte desta história**. Recife, 1999

GINZBURG, Carlo. O nome e o como, troca desigual e mercado historiográfico. In: _____. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIUMBELLI, Emerson. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n.28(2). 80-101, 2008.

_____. Religião e espaço público no caso do Cristo no júri, 1891. **Acervo** (Revista do Arquivo Nacional), Rio de Janeiro, n.16 (2). 19-42, 2003.

_____. **O Fim da Religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França**. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

GLUCKMAN, Max. *Análise de uma situação social na Zululândia moderna*. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987. p. 277-344.

GONÇALVES, Carlos B. **Usos e abusos de uma vida: a biografia de Erasmo Braga e o protestantismo brasileiro de 1950 a 1970**. In: XVII Simpósio Nacional da ANPUH, 2013, Natal RN. Conhecimento histórico e diálogo social, 2013.

GROENDI, Edoardo. Repensar a micro-história? In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GUEIROS, Jeronimo. **Projeções de minha vida**. Recife: Oficinas Diário da Manhã, 1952.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HERMAN, Jacqueline. Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida N. (Org.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente (1889-1930)**. vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HOFFNAGEL, Marc Jay. Tensões e conflitos na consolidação da República em Pernambuco: a revolta de triunfo. **Revista Clio**, vol. 28.2, Recife, 2010.

HOONAERT, Eduardo. **O cristianismo moreno no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

_____. O catolicismo popular numa perspectiva de libertação: pressupostos. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, n. 36, fasc. 41, 1976.

- HUTZLER, Celina Ribeiro. Operários e patrões unidos, até quando? Uma história antiga. **Revista Política e Trabalho**. n. 5, abr. João Pessoa, 1986.
- JESUS, Matheus Gato. Tempo e Melancolia: república, modernidade e cidadania negra nos contos de Astolfo Marques (1876-1918). **Lua Nova**, São Paulo, 85, 2012, p. 133-185.
- KITAGAWA, Sergio Tuguio Ladeira. **Ou ficar a pátria salva ou morrer pelo Brasil: nacionalismo, carisma e o cisma presbiteriano de 1903**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo-RJ, 2014.
- KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KUSCHNIR, Karina. Antropologia e política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 64, 2007, p. 163-167.
- LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. São Luís: Editora UEMA, 2008.
- LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LEITE, Eraldo Gueiros. Minhas Recordações do Dr. Butler. In: MARTINS. Edijéce. **A Bíblia e o Bisturi: biografia do Dr. George William Butler**. 2ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- LEITE, Fábio Carvalho. O laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 31 (1): 32-60, 2011.
- LÉONARD, Émile-Guillaume. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. 2ed. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.
- _____. **O iluminismo num protestantismo de constituição recente**. Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1988.
- LESSA, Vicente Themudo. **Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.
- LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org). **A Escrita da História, novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- _____. Usos da Biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M (Org.) **Usos e abusos da história oral**. 7 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- LIMA, Carlos de. **História do Maranhão: A República**. 2ed. São Luís: Instituto Geia, 2010a.
- LIMA, Sergio Prates. **Peregrinos, missionários e protestantismo: o caso de Robert Reid Kalley**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2010b.
- LONGUINI NETO, Luiz. **O novo rosto da missão: os movimentos ecumênicos e evangelical no protestantismo latino-americano**. Viçosa: Ultimato, 2002.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- LOWENTHAL David. **El Pasado es un país extraño**. Madrid Ediciones Akal. 1998

- MACAGNO, Lorenzo. Uma antropologia do político? **Análise Social**, v. XLIX (1º), n. 210, p. 163-189, 2014.
- MARQUES, Cesar Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão**. 3ed. São Luís: Edições AML, 2008.
- MARTINS. Edijéce. **A Bíblia e o Bisturi**: biografia do Dr. George William Butler. 2ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- MATOS, Alderi Souza de. 'Para memória sua': a participação da mulher nos primórdios do presbiterianismo no Brasil. **Fides Reformata**. n. 2. vol. 3, São Paulo, 1998.
- _____. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)**: missionários, pastores e leigos do século 19. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- MELO, M^a Cristina Pereira de. **O bater dos panos**: um estudo das relações de trabalho na indústria têxtil do Maranhão (1940-1960). São Luís: SIOGE, 1990.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste, 1995.
- MENEZES, Ulpiano T B. de. Fontes visuais, cultura visual, História visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n° 45, p. 11-36, 2003.
- MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**: um estudo de caso. Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernado do Campo, SP: Editeo, 1994.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. Sobre os dois caminhos. **Cadernos do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER)**. Rio de Janeiro, v. 5, p. 21-19, 1975.
- _____. **Os errantes do novo século**. São Paulo: Duas cidades, 1974.
- _____. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: PINHEIRO, Paulo Sergio [*et al*]. **História geral da civilização brasileira**, t. 3, v. 9. O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930), 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- MONTERO, Paula, POMPA, Cristina; ARRUATI, José Maurício. Para uma antropologia do político. **Horizonte da política**: questões emergentes e agendas de pesquisa, 2012. Disponível em: <http://www.academia.edu/2455734/Para_uma_antropologia_do_pol%C3%ADtico>. Acesso: 15 ago. 2015.
- MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro. n.32 (1), p. 167-183, 2012.
- _____. **Religiões e controvérsias públicas**: experiências, práticas sociais e discursos. São Paulo: Editora Terceiro Nome; Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015.
- _____. Max Weber e os dilemas da secularização: o lugar da religião no mundo contemporâneo?. **Novos Estudos Cebrap**, 65: 34-44, 2003.
- _____. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. **Revista Etnográfica**, vol. 13, n. 1. 7-16, 2009.
- MOURA, Sérgio Lobo de; ALMEIDA, José Maria Gouvêa de Almeida. A Igreja na Primeira República. In: FAUSTO, Bóris (Org.). **O Brasil republicano**: sociedade e instituições (1889/1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, t. III, v. 2(Coleção HGCB).

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas. **Educar, Curar, Salvar**: uma ilha de civilização no Brasil Tropical. Maceió: EDUFAL, 2007.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida N. (Org.). **O Brasil Republicano**: o tempo do liberalismo excludente (1889-1930). vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 10, dez 1993, p. 7-28

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**, n. 36, fase 41, 1976.

OLMSTEAD, Clifton E. **Religion in America**: past and present. Prentice-Hall; Englewood Cliffs: New Jersey, 1965.

PACHECO, Felipe Condurú. **História Eclesiástica do Maranhão**. Dep. de Cultura-MA, 1968.

PADILHA, Anivaldo. Quando a ditadura bate à porta. In: ROSA, Wanderley Pereira da; ADRIANO FILHO, José (orgs.). **Cristo e o processo revolucionário brasileiro**: a conferência do Nordeste 50 anos depois. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **Nísia Floresta**: o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural. São Paulo: Hucitec, 1996.

PENA, Felipe. Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. **Alceu**. vol. 4 jan/jun. 2004, p. 94-105.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil**: o presente no passado. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: 2001.

PEREIRA, Lupércio Antonio. Tavares Bastos, a imigração européia e o lugar das ideias liberais no Brasil. **Diálogos** (Maringá. Online), v.16, n.3, p. 1085-1110, set-dez/2012

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PIEDRA, Arturo. **Evangelização protestante na América Latina**: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830-1960). São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006.

PIERSON. Paul Everett. **A Young Church in Search of Maturity**: presbyterianism in Brazil from 1910 to 1959. San Antonio: Trinity University Press, 1974.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: ORO, Ari & STEIL, Carlos (org.). **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 13 n. 37, São Paulo, Junho, 1998.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTO, Costa. **Canhotinho**: notas sobre suas origens e evolução política. Recife: Centro de Estudos de História municipal, 1982.

QUADROS, Eduardo G. A proclamação da diferença: um balanço da produção acadêmica sobre a história dos protestantismos no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VIII, n. 24, Janeiro/Abril de 2016.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro e bairros rurais paulistas**. São Paulo/Petrópolis: Edusp/Vozes, 1973.

_____. **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: editora Alfa-Omega, 1976.

REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3ed. São Paulo: ASTE, 2003.

REIS, Flávio A. M. **Grupos políticos e estrutura oligárquica no Maranhão (1850/1930)**. São Luís, 2007.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RENDERS, Helmut. A linguagem visual transconfessional da xilogravura petista “O caminho largo e o caminho estreito”, de Charlotte Reihlen. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 14, n. 44, out./dez. 2016, p. 1323-1353.

RESENDE, Maria Efigenia Lage. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida N. (Org.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente (1889-1930)**. vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. A história ao rés-dochão. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RIBEIRO, Boanerges. **A Igreja Evangélica e a República Brasileira (1889-1930)**. São Paulo: O Semeador, 1991.

_____. **Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1973.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. Protestantismo rural: um protestantismo genuinamente brasileiro. FERREIRA, João Cesário Leonel (Org.). **Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do passado**. Publicadas em *O cristão*, órgão oficial da U. I. E. C. L. B. vol 4. 4ª fase: 1873 a jan 1888, 1956.

RODRIGUES, Cláudia. Sepulturas e sepultamentos de protestantes como uma questão de cidadania na crise do Império (1869-1889). **Revista de História Regional** 13, n.1. Verão, 2008, p. 23-38

RODRIGUES, Meyves e CLEMENTINO, Emanuel. **O Padre Cícero Protestante**. Recife: Ed. dos Autores, 2015.

ROSEMBERG, José. *Tuberculose: aspectos históricos, realidades, seu romantismo e transculturação*. **Boletim de Pneumologia Sanitaria**. 7 vol. Nº 2 – jul/dez de 1999.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios de história das ideias**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. *Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. Temporalidades* - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 2, n.º 2, Agosto/Dezembro de 2010, p. 24-33.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura**: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial. Campinas, SP: Editora UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001.

SANCHEZ, Wagner Lopes. **Pluralismo Religioso**: as religiões no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2005.

SANCHIS, Pierre. O Repto Pentecostal à “Cultura Católico- Brasileira”. **Revista de Antropologia**, vol. 37, 1994, p. 145-181.

SANGLARD, Gisele e COSTA, Renato da Gama-Rosa. Direções e traçados da assistência hospitalar no Rio de Janeiro (1923-1931). vol. 11(1). **História e Ciência da Saúde**. Manginhos-RJ, 2004, p. 107-141.

SANTOS, Mario Marcio de Almeida. **Anatomia de uma Tragédia**: a hecatombe de Garanhuns. Recife: CEPE, 1992.

SANTOS, João Marcos L. **Falar do passado versus fazer história**: para uma análise crítica da historiografia protestante no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira. Fasc. 234. Jun. 1999.

_____. A Institucionalidade do poder que se discute a organização da Liga Anti-Protestante (1888). In: XIII **Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões**, 2012, São Luiz/MA. Anais do XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, 2012. v. 1. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/679/565>>. Acesso: 21. Jun. 2017.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **Os mascates da fé**: história dos evangélicos no Brasil (1855 a 1900). Curitiba: Editora CRV, 2017.

_____. Identidades Evangélicas no Brasil: um ensaio histórico cultural dos seus ritos e subjetividades. In: PORTELA, Camila et. al. (orgs.). **Leituras sobre religião**: cultura, política e identidade. São Luís: EDUFMA, 2015.

_____; LIMA, Sergio Prates. **Robert Reid Kalley**: um missionário diplomata na gênese do protestantismo luso-brasileiro. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

_____. O protestantismo e o advento da República no Brasil: discursos, estratégias e conflitos. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, ano III, n. 8, set. 2010.

_____. Protestantismo e Modernidade: os usos e os sentidos da experiência histórica no Brasil e na América Latina. **Projeto História**, São Paulo, n.37, p. 179-194, dez. 2008.

_____. **As outras faces do sagrado**: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira. São Luís: Edufma; São Paulo: Ed. ABHR, 2006.

_____. **Os mascates da fé**: história dos evangélicos no Brasil (1855-1900). Curitiba: CRV, 2017.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura**: ética e narrativa biográfica. História (São Paulo) v.33, n.1, jan./jun. 2014, p. 124-144.

_____. **Grafia da vida**: reflexões sobre a narrativa biográfica. História Unisinos, v. 8, n. 10, 2004, p. 131-142.

_____. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: ____ (org.). **O Biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SETTE, Mário. **Arruar**: historia pitoresca do Recife antigo. vol 12. 3ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

SEIGUER, Paula. Mujeres em Missión: a la participación feminina em las misiones protestantes de América del Sur (1830-1930) In: SILVA, A. L., ORLANDO, E. A.; DANTAS, M. J. (org.). **Mulheres em trânsito**: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas. Curitiba, PR:CVR, 2015.

SILVA, Abdoral Fernandes da. **Nossas Raízes**: a história da Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Norte do Brasil (AICENB). 2ed. São Luís, 1997.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria**: anglicanos e batistas na Bahia. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

_____. As mulheres protestantes: educação e sociabilidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VII, n. 21, Jan/Abr de 2015.

SILVA, José David da. **Reminiscências: minha terra, minha gente**:Canhotinho. Recife: Ed. do Autor, 2006.

_____. *Retrospectiva sobre Canhotinho em Três Tempos*. In: **Revista de História Municipal**. Recife. n.10. Centro de Estudos de História Municipal, 2014. p. 123-152.

SILVA, Lemuel Rodrigues. Sertanejo norterio-grandense migrante e a sua religiosidade. In: **Revista Sertões**, Mossoró-RN, v.3, n.1, jan./jun. 2013, p. 13-23.

SILVA, Oton Egídio da. **Uma Gota da História**: Igreja Presbiteriana de São Luís. São Luís, 2008.

SILVA, Wilton C. L. **A construção biográfica de Clóvis Beviláqua**: memórias de admiração e de estigmas. São Paulo: Alameda, 2016.

_____; VERAS, Rogério de C. As Biografias Protestantes como hagiografias: análise de três obras biográficas do protestantismo brasileiro (1930-1950). **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IX, n. 26, Setembro/Dezembro de 2016, p. 163-184.

SIQUEIRA, Célio. **Embaixador e Forasteiro**: biografia do Rev. Cícero Siqueira. São Paulo: Cultura Cristã, 1996.

SOARES, Caleb. **150 anos de paixão missionária**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

_____. **Januário Antonio dos dos pés formosos**. Campinas-SP: Luz para o Caminho, 1996.

SOUZA, Evandro. **Sinodais e Independentes**: representações da cisão presbiteriana de 1903 no Maranhão. Monografia (História). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

SOUZA, Robério Américo do Carmo. **“Vaqueiros de Deus”**: a expansão do protestantismo pelo sertão cearense nas primeiras décadas do século XX. Tese (História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

SOUZA, Silas. **Protestantismo e Ditadura**: os presbiterianos e o governo militar no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

SOUZA FILHO, Benedito. **Cuerpos, Horcas y Látigos: esclavitude y espectáculo punitivo en el Brasil decimonónico**. Tese (Antropologia). Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2004.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. Intervenções urbanas e a construção de uma imagem de cidade moderna no Recife de princípios do século XX. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 7, Jul./Dez. 2012.

TEXEIRA, Rubenilson B. Tres igrejas nordestinas e uma só origem formal: um estudo de caso. In: **Administração Eclesiástica**, vol. 21, n. 1(81), jan., fev., mar., Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

TROELTSCH, Ernst. **El protestantismo y el mundo moderno**. 2ed. México, D.F.; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1958.

TRABUCO, Zózimo. **À direita de Deus, à esquerda do povo: protestantismos, esquerdas e minorias (1974-1994)**. Salvador: Saga, 2016.

TURNER. Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

UGENTO, Giulia d'Amore di. **Monsenhor Luis-Gaston de Segur e a cegueira do mundo que o esqueceu**. Disponível em: <http://farfalline.blogspot.com.br/2012/02/biografias-mons-louis-gaston-de-segur.html>. Acesso em: 14 jun. 2017.

VASCONCELOS, Micheline R. **Os Nova Seitas: a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel – Pernambuco e Paraíba**. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP, São Paulo, 2005.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VERAS, Loyde Anne Carreiro Silva. **Memórias da terra de Beulá: a construção de uma vida e a produção de um lugar nas autobiografias de Eva Mills**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC-PR, Curitiba, 2017.

VIANA, Juracy Fialho. **Momentos Decisivos**. Vol.3. Recife: Edição da Missão Presbiteriana do Brasil, 1984.

_____. **Cecília**. Recife: Edição da Missão Presbiteriana do Brasil, s/d.

VIEIRA, David Gueiros. **A Historical Study of the missionary work of Dr. George W. Butler and an analysis of his influence on Brazil**. Dissertação (História). University of Richmond, Virginia:1960.

_____. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília: Ed. da UNB, 1996.

_____. **Trajatória de uma família: a história da família Gueiros**. Brasília: Editora e Comércio de Livros Jurídicos, 2008.

VITALINO, Urbano de M. F. e REINAUX, Marcílio Lins. **Colégio Quinze, 100 anos: servindo a Deus, à Pátria e a Garanhuns**. Recife: ed. Dos Autores, 1999.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do comércio do Maranhão 1612 a 1895**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1954.

WATANABE, Tiago H. Barbosa. **Escritos nas fronteiras: os livros de história do protestantismo brasileiro (1928-1982)**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

_____. **Ecumenismo e militância religiosa**: o protestantismo como objeto de estudo. Plura, Revista de Estudos de Religião. vol. 03. n. 2, 2012, p. 159-176.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WILLIAMS, Frederick G; MORAES, Jomar (Orgs.). **Poesia e prosa reunidas de Sousândrade**. São Luís: Edições AML, 2003.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

